



vida pastoral

julho-agosto de 2026 • ano 67 • número 370



CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

A Palavra que alimenta e a vida que se faz altar
A importância da celebração da Palavra nas comunidades

*“Dar Deus às pessoas:
seja este nosso anseio
de cada dia, seja esta
nossa oração.”*

(Bem-aventurado Tiago Alberione)

Deus continua chamando.
Não tenha medo de responder.
**Jovem, venha evangelizar na
cultura da comunicação!**

Fale com o Animador Vocacional:

WhatsApp: (11) 99270-1678

www.paulinos.org.br

centrovocacional@paulinos.com.br



**PADRES E IRMÃOS
PAULINOS**

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

“A Palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12). A Palavra não é um texto silenciado pelo papel, mas um fogo sagrado que arde no nosso coração e uma luz que, com mansidão e força, teima em brilhar nas frestas das nossas fragilidades humanas.

Este número de *Vida Pastoral* chega às suas mãos para reafirmar aquilo que a Igreja nos ensina desde sempre e que foi muito bem condensado na *Dei Verbum*: “Na Sagrada Escritura, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de seus filhos e com eles fala” (DV 21). A fonte que sustenta nossa caminhada – o rio cristalino que sacia nossa sede de infinito – é a Palavra de Deus.

Reunimos nesta edição reflexões que vinculam, de forma indissociável, a mística da escuta ao compromisso inadiável com a caridade libertadora. Iniciamos com a contribuição fundamental da Ir. Veronice Fernandes, que nos situa diante de um dado estatístico que é, acima de tudo, um dado teológico: cerca de 70% das comunidades católicas do Brasil se reúnem aos domingos para celebrar ao redor da mesa da Palavra. A autora nos recorda que essas celebrações não são “suplências” ou soluções de emergência por falta de presbíteros; são, na verdade, instâncias sagradas em que a Igreja, povo de Deus, exerce a beleza e a dignidade do seu sacerdócio batismal. A Palavra ali proclamada não é apenas lida, mas se faz presença real e alimento que sustenta a esperança.

Aprofundando a dimensão espiritual dessa prática, o Pe. Moisés Henrique analisa como a celebração da Palavra torna-se um momento fundamental para o desabrochar da vida interior e comunitária. Sua reflexão demonstra que a escuta orante das Escrituras não é um ato passivo, mas uma força transformadora que capacita os batizados para a necessária maturidade na fé.

A aparente carência ministerial transfigura-se, assim, em oportunidade de protagonismo leigo, consolidando o rosto de uma Igreja verdadeiramente ministerial e sinodal, que caminha sob o ritmo da respiração do Espírito.

No espírito renovador do Concílio Vaticano II, Emerson Sbardelotti reforça o pulsar vibrante das comunidades eclesiais de base. Ele nos lembra que a celebração da Palavra é o lugar do encontro real com Jesus de Nazaré. Sbardelotti relata como a vida real – os nascimentos, as lutas pelo saneamento básico, a dor dos falecimentos e a alegria da partilha – entra na liturgia para ser transfigurada pelo Evangelho. É a “fé e vida” em abraço e comunhão, mantendo acesa a brasa da *koinonia*, da *diakonia* e da *martíria* e impedindo que o rito se torne gestos frios e distantes.

Por fim, a mística da Palavra encontra seu ápice na prática da compaixão. Com minha singela contribuição, inspirado pela profética exortação *Dilexi Te*, do papa Leão XIV, apresento a “liturgia do cuidado”. Aqui, a poesia da fé encontra seu chão mais concreto: o pobre é o sacramento de Cristo. Se a Palavra nos alimenta no ambão, é na carne do irmão sofrido que ela se faz história, redenção e verdade absoluta.

Somamos a isso a valiosa inspiração do Pe. Marcus Mariano com os roteiros homiléticos, que enriquecem nossa meditação e vivência da Palavra. Somos convidados a redescobrir que não há separação entre o incenso que sobe do altar e a poeira das estradas onde o povo caminha.

Que estas reflexões ajudem nossas comunidades a serem, cada vez mais, “hospitais de campanha” e faróis de esperança, nos quais a Palavra de Deus seja acolhida, celebrada e, sobretudo, vivida no amor que congrega, cura e liberta.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros
ordenados e agentes de pastoral

Ano 67 • Nº 370
julho - agosto de 2026



© PAULUS – 2026

Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação

vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Pe. Darci Luiz Marin, ssp

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens

Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação

Andrea Cristina Florez Marin

Revisão

Alexandre Santana

Lucas Giron

Impressão - PAULUS

Versão digital

vidapastoral.com.br



Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NAS COMUNIDADES

Ir. Veronice Fernandes 4

A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA AUSÊNCIA DO PRESBITERO

Pe. Moisés Henrique Fragoso de Souza 14

A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA NO DIA DO SENHOR

Dr. Emerson Sbardelotti 22

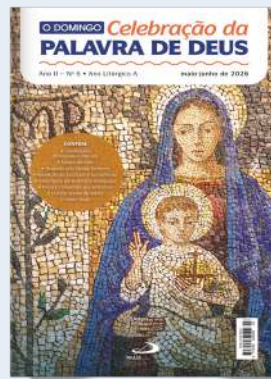
JESUS CRISTO NO ROSTO DO POBRE: UMA BREVE LEITURA DA EXORTAÇÃO *DILEXI TE* ("EU TE AMEI")

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp 30

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Marcus Mareano 36

DESTAQUE!



Adquira
já

FAÇA SUA ASSINATURA DA REVISTA VIDA PASTORAL



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:

paulus.com.br/loja

☎ (11) 3789-4000 | 0800 016 40 11

📞 (11) 3789-4000

✉ assinaturas@paulus.com.br

📱 @editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA/SP

Centro de Apoio aos Romeiros, s/nº
Lojas 44, 45, 78, 79 – Norte B
CEP: 12576-028 | Tel.: (12) 3600-9999
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU/SE

Rua Laranjeiras, 319 – Centro
CEP: 49010-000 | Tel.: (79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM/PA

Rua Vinte e Oito de Setembro, 61
Campina – CEP: 66019-100
Tel.: (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE/MG

Rua da Bahia, 1148
Ed. Arcângelo Maletta – Centro
CEP: 30160-906 | Tel.: (31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA/RR

Avenida Ville Roy, 5911, sala 01
Centro – CEP: 69301-000
Tel.: (95) 3212-5340
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA/DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Ed. Central
Loja 15 – Asa Sul – CEP: 70304-900
Tel.: (61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE/PB

Rua Afonso Campos, 233 – Centro
CEP: 58400-235 | Tel.: (83) 3182-0659
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS/SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
Centro – CEP: 13015-002
Tel.: (19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE/MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
CEP: 79002-005 | Tel.: (67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIASDOSUL/RS

Av. Júlio de Castilhos, 2029 – Centro
CEP: 95020-485 | Tel.: (54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA/SP

Rua das Acácias, 58 – Jardim da Glória
CEP: 06711-510 | Tel.: (11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ/MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
Centro – CEP: 78005-420
Tel.: (65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA/PR

Praça Rui Barbosa, 599 – Centro
CEP: 80010-030 | Tel.: (41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS/SC

Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
CEP: 88010-030 | Tel.: (48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA/CE

Rua Floriano Peixoto, 523
Praça do Ferreira – Centro
CEP: 60025-130 | Tel.: (85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA/GO

Rua Seis, 201 – Centro
CEP: 74023-030 | Tel.: (62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA/PR

Rua XV de Novembro, 7466, loja 01
Centro – CEP: 85010-000
Tel.: (42) 3303-2712
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA/PB

Rua Peregrino de Carvalho, 134 – Centro
CEP: 58010-790 | Tel.: (83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA/MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590 – Centro
CEP: 36016-311 | Tel.: (32) 3313-4390
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ/AL

Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
CEP: 57020-210 | Tel.: (82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS/AM

Rua Itamaracá, 21 – Centro
CEP: 69010-210 | Tel.: (92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL/RN

Rua Coronel Cascudo, 333 – Cidade Alta
CEP: 59025-260 | Tel.: (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PETROLINA/PE

Rua Coronel Amorim, 106, lojas 04 e 05
Ed. João Paulo I – Centro – CEP: 56302-320
WhatsApp: (87) 9801-0022
petrolina@paulus.com.br

PORTO ALEGRE/RS

Rua José Montauray, 155 – Centro
CEP: 90010-090 | Tel.: (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE/PE

Rua Camboado Carmo, 83
Freguesia de Santo Antônio
CEP: 50010-390 | Tel.: (81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO/SP

Rua São Sebastião, 621 – Centro
CEP: 14015-040 | Tel.: (16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO/RJ

Rua México, 111-B – Castelo
CEP: 20031-145 | Tel.: (21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR/BA

Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
CEP: 40070-190 | Tel.: (71) 3321-0126
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ/SP

Rua Campos Sales, 255 – Centro
CEP: 09015-200 | Tel.: (11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP

Rua Quinze de Novembro, 2826
Centro – CEP: 15015-110
Tel.: (17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS/MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
CEP: 65015-370 | Tel.: (98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO/SP

Praça da Sé

Praça da Sé, 180 – Centro
CEP: 01001-001 | Tel.: (11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

Vila Mariana

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metró VI. Mariana
CEP: 04117-040 | Tel.: (11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA/SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
CEP: 18035-200 | Tel.: (15) 3442-4300
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA/PI

Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
CEP: 64001-090 | Tel.: (86) 3142-1295
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA/MG

Avenida Cesário Alvim, 757, loja 01
Centro – Uberlândia
Tel.: (34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA/ES

Rua Duque de Caxias, 121 – Centro
CEP: 29010-120 | Tel.: (27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

LOJA VIRTUAL

WhatsApp: (11) 3789-4000
loja.paulus.com.br

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO

Av. Sir Henry Wellcome, 335
Pq. Alexandre
CEP: 06714-050 | Cotia/SP
Tel.: (11) 3789-4000 – 0800 016 40 11
WhatsApp: (11) 3789-4000
vendas@paulus.com.br

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR

(11) 3789-4000
sac@paulus.com.br

An artistic illustration of the Holy Spirit as a dove in a blue circle at the top right, with rays of light emanating from it. Below, the twelve Apostles are shown in white robes, some with halos, in various prayerful poses. The background is a warm, golden-brown color with stylized flame-like patterns.

Ir. Veronice Fernandes*

A IMPORTÂNCIA DA CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NAS COMUNIDADES

*Ir. Veronice Fernandes é pia discípula do Divino Mestre (pddm).
Mestra em Teologia, com especialização em Liturgia, pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e membro do
Centro de Liturgia Dom Clemente Isnard e da Equipe de Reflexão
Litúrgica da Comissão Episcopal para a Liturgia, assessora cursos
de formação litúrgica em paróquias, dioceses, regionais e na CRB.
E-mail: fernandesveronice@gmail.com



No Brasil, cerca de 70% das comunidades se reúnem, principalmente aos domingos, para celebrar em torno da Palavra de Deus. É pertinente refletir sobre essa celebração, justamente por ser uma prática que proporciona a tantos batizados e batizadas garantir e salvaguardar grandes valores do dia do Senhor. Essas celebrações podem ser espaço para consolidar a vida eclesial e os diversos ministérios nas comunidades, nutrir a espiritualidade, a mística, o diálogo com Deus na proclamação e escuta da Palavra e na oração comum, direitos de todo o povo sacerdotal.

INTRODUÇÃO

Para tratar da importância da celebração da Palavra de Deus (CPD), recomendada pela Igreja (SC 35,4),¹ é necessário considerar que essa prática é realizada, sobretudo aos domingos, por cerca de 70% das comunidades católicas no Brasil (CNBB, Doc. 43, n. 25² e também CNBB, Doc. 52, n. 5).³ Considerando o valor de tais celebrações, em 2019, a CNBB publicou o documento 108, *Ministério e Celebração da Palavra*, com o objetivo de aprofundar e caracterizar melhor a CPD. Dom Clemente Isnard – na época, bispo de Nova Friburgo-RJ e responsável pela Dimensão Litúrgica da CNBB – afirmou: “sem a celebração da Palavra de Deus não teremos verdadeiras

comunidades eclesiais de base, e, sem estas, o povo brasileiro, em grande parte, não conservaria a fé católica” (*apud* Buyst, 1990, p. 8). A seguir, passaremos a descrever elementos que revelam a importância da CPD para nossas comunidades.

1. O valor teológico-litúrgico das celebrações ao redor da Palavra de Deus

O episcopado latino-americano, com afeto pastoral, anima e incentiva as comunidades a se reunirem aos domingos ao redor da Palavra de Deus, pois aí se faz presente o mistério pascal, na comunidade reunida, na acolhida da Palavra e na oração comunitária (DAp 253), elementos que manifestam a presença de Cristo e mantêm viva a fé dos batizados e batizadas privados da celebração eucarística.

De modo geral, há um reconhecimento de que as CPDs são uma oportunidade para a Igreja, pois constituem ocasiões privilegiadas de encontro com o Senhor, garantem e salvaguardam grandes valores do dia do Senhor, tais como a reunião da assembleia litúrgica, a oração em comunidade, a celebração do mistério pascal, a escuta da Palavra de Deus no ritmo do ano litúrgico, a participação na comunhão do corpo do Senhor, a valorização dos ministérios leigos.

2. Celebrar aos domingos o dia memorial da ressurreição do Senhor

Desde os primeiros séculos, por tradição apostólica, a Igreja sempre se reuniu aos

1 Cf. também: *Inter Oecumenici*, n. 37-38; *Eucharisticum Mysterium*, n. 33; Doc. de Medellín, 1977, p. 96; Doc. de Puebla, n. 900, 929 e 944; Código de Direito Canônico, cânon 1.248, § 2; Diretório para as Celebrações Dominicais da Palavra na Ausência do Presbítero; Doc. 43 da CNBB, n. 93-102; Doc. de Santo Domingo, n. 51; Doc. 52 da CNBB; Doc. de Aparecida, n. 100 e 253; *Verbum Domini*, n. 65; Doc. 108 da CNBB. O Sínodo para a Amazônia tratou da questão das comunidades sem presbítero no documento final e na Exortação Apostólica *Querida Amazônia*.

2 O documento 43 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fruto da pesquisa feita por ocasião dos vinte anos da *Sacrosanctum Concilium* e aprovado na 27ª Assembleia Geral, em 1989, já afirmava que “cerca de 70% das celebrações, no dia do Senhor, são realizadas por comunidades que vivem e celebram sua fé sem a presidência de um ministro ordenado”.

3 Em 1990, a CNBB fez uma pesquisa sobre a CPD para averiguar o dado hipotético segundo o qual cerca de 70% das comunidades não tinham celebração eucarística aos domingos. O documento 52 da CNBB, *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*, que é resultado desse processo de pesquisa e estudo, afirma: “Aproximadamente 70% das comunidades reúnem-se e celebram os mistérios da fé ao redor da Palavra de Deus” (CNBB, 1994, p. 5). E acrescenta: “É nesta celebração que muitas comunidades encontram, habitualmente, o alimento de sua vida cristã [...]”.

domingos. Essa importância dada ao domingo tem forte razão: é o dia em que o Senhor ressuscitou dos mortos, dia em que apareceu aos discípulos (Jo 20,5-9; Lc 24,13-35; Mc 16,14-18; Lc 24,36-48; Jo 20,19-23). Esses e outros relatos do Novo Testamento revelam que a Igreja foi amadurecendo, ao longo dos séculos, sua compreensão sobre o valor e a importância do domingo, que se tornou o dia da reunião da comunidade para fazer o memorial semanal da ressurreição do Senhor. A partir desse dia, os primeiros cristãos cumpriram o mandato do Senhor: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19), celebrando sua morte e ressurreição (Lutz, 1982, p. 2).

O primeiro dia da semana tornou-se, para os cristãos, um dia memorável por causa da ressurreição do Senhor e de suas aparições aos discípulos, tanto que passou a ser chamado de “o dia do Senhor” (Ap 1,10).

O dia da reunião dos cristãos é o dia memorial da certeza de que a vida venceu a morte para sempre, o dia da escuta da Palavra e da celebração da Eucaristia (cf. SC 106), uma vez que “a ressurreição de Jesus é o dado primordial sobre o qual se apoia a fé cristã (cf. 1Cor 15,14)” (João Paulo II, 2007, p. 4).

Celebrar o dia do Senhor permite aos cristãos e cristãs entrar em contato com a ressurreição de Cristo e realizar em si mesmos o alcance salvífico que ela tem. É isso que o torna dia sagrado por excelência. Quem o toca atinge o próprio fundamento da Igreja, o mistério pascal do qual ela nasceu (cf. SC 5), do qual continuamente vive e pelo qual se manifesta e cresce como “comunhão”, até atingir a medida da plenitude de Cristo (Ef 4,13) (Brandolini, 1992, p. 311).⁴

3. Assembleia reunida, convocada pelo Senhor para a celebração da Palavra de Deus

Os relatos da aparição do Senhor ressuscitado mostram sempre que ele se manifesta na

⁴ Para maior aprofundamento, cf. também Fernandes, 2021, p. 132-135.

O CAMINHO DA PALAVRA

ROTEIROS SOBRE A LITURGIA DA PALAVRA DOS DOMINGOS E SOLENIDADES – ANO A

Luiz Alexandre Solano Rossi



Versão E-Book

A obra auxilia ministros ordenados, ministros da Palavra e agentes de pastoral na preparação das celebrações litúrgicas dominicais e festivas do Ano A (dedicado ao Evangelho de Mateus). Cada roteiro possui uma introdução geral, comentários aos textos bíblicos e pistas para a reflexão.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“O episcopado latino-americano, com afeto pastoral, anima e incentiva as comunidades a se reunirem aos domingos ao redor da Palavra de Deus.”

necessário voltar a guardar o dia do Senhor, e no coração deste dia, a reunião da assembleia que é seu corpo” (Apresentação do subsídio *Celebração da Palavra no Dia do Senhor*, p. 6).⁶

4. A Palavra de Deus celebrada ao longo do ano litúrgico

Deus se dá a conhecer entrando em diálogo conosco e tomando a iniciativa nesse diálogo (VD 6). Ele, que fez tudo por sua Palavra (Sl 33,4-9; Jo 1,3), quer também tudo refazer por essa mesma Palavra (Ap 21,5). Depois de haver falado pela criação, pelos patriarcas, pelos profetas, falou por seu Filho (Hb 1,1-2), a Palavra que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). O Filho “pronunciou as palavras de Deus” (Jo 3,34) e completou a obra de salvação que o Pai lhe dera para realizar (Jo 5,36; 17,4). Então, enviou de junto do Pai o Espírito Santo para que ele conduza as pessoas à verdade total (Jo 15,13). Assim como havia sido enviado pelo Pai, o próprio Filho enviou os apóstolos (Jo 20,23), para que anunciassem sua palavra a todas as nações (Mt 22,18-20). Esse mistério de salvação transmitido pela Palavra divina continua na vida dos homens e mulheres que acolhem a Palavra “na obediência da fé” (Rm 1,16) e por ela são convertidos, iluminados e santificados (DV 2-7; SC 5-7; VD 6-7).

A Palavra de Deus é uma pessoa. É nosso Senhor Jesus Cristo. Tudo é marcado por ele como origem e fim. Toda comunicação de Deus é referente ao Cristo Senhor, Palavra de Deus (VD 11-13).

comunidade reunida (Lc 24,13-33; 24,36-42; Jo 20,19-29; 21,1ss). Quem não está na reunião não vê o Ressuscitado (Jo 20,24).

O ponto alto do domingo, sua característica principal, é a reunião da comunidade cristã para celebrar o dia do Senhor, primeiro sinal da presença e atuação de Cristo no meio do seu povo (Mt 18,20), pois Cristo está presente quando a Igreja ora e salmodia (SC 7). Conforme escreve L. Deiss (1998, p. 42): “A presença de Cristo na comunidade celebrante tem, com efeito, a primazia”.

Os cristãos e as cristãs compreenderam, desde o início (At 4,31; 12,12; 14; 27; 15,30; 1Cor 11,17-18; 14,23.26.34), que a Igreja é essencialmente assembleia convocada pelo Senhor, o qual nela se torna presente e atuante. Fazer parte da assembleia litúrgica é fruto da fé e da comunhão com a Igreja em torno do Ressuscitado (Lutz, 1982, p. 3), pois a Igreja, povo da Nova Aliança, nasceu da Páscoa de Cristo. Hipólito de Roma (1971, p. 64) adverte que “cada um deve ter a preocupação de ir à assembleia, onde floresce o Espírito Santo”.⁵

Vale recordar o que escreveu dom Sérgio Castriani – na época, arcebispo de Manaus: “Se quisermos salvar o cristianismo, é

⁵ Para maior aprofundamento, cf. também Fernandes, 2021, p. 135-136.

⁶ Subsídio preparado por Ir. Penha Carpanedo, pddm, e produzido pelo Regional Norte I da CNBB.

A liturgia “constitui, efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida [...]” (VD 52). O próprio Cristo está presente na sua Palavra: é ele que fala quando a Sagrada Escritura é lida na Igreja (SC 7).

Para que os fiéis se alimentem também do Cristo presente na Palavra, o Concílio recuperou a tradição de valorizar as duas mesas – Palavra e Eucaristia –, como atesta a constituição *Dei Verbum*:

A Igreja sempre venerou a Sagrada Escritura da mesma forma como o próprio Corpo do Senhor, porque, de fato, principalmente na sagrada liturgia, não cessa de tomar e entregar aos fiéis o pão da vida, da mesa da Palavra de Deus como do corpo de Cristo (n. 21).

Na celebração litúrgica, na mesa da Palavra, “os tesouros bíblicos são largamente abertos”, “de uma maneira abundante, variada e apropriada” (SC 51; 35). Aí, na celebração do mistério pascal, Deus estabelece um diálogo salvífico com seu povo, e a Palavra se faz sacramento. É na lógica da presença do Senhor na Palavra que se entende a sacramentalidade desta, como mediação da ação salvadora do Senhor.

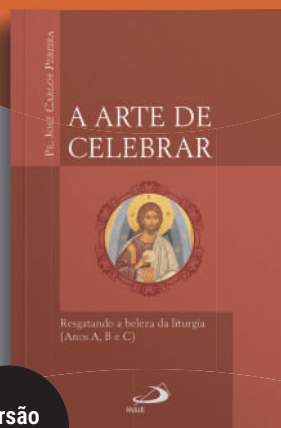
Uma vez proclamado o texto pelo leitor ou pela leitora – que vai até a mesa da Palavra, abre o livro e a proclama –, os fiéis experimentam seu caráter performativo, isto é, a eficaz ação divina na própria vida. Tal ação, porém, ocorre em virtude da presença do Verbo encarnado na Palavra, conferindo a eficácia salvífica àqueles que a ouvem em cada “hoje” da celebração litúrgica. Como outrora na sinagoga de Nazaré – quando Cristo proclamou o “hoje” da realização da profecia de Isaías (Lc 4,17-21) –, a força do Espírito Santo atualiza a obra de redenção evocada pela proclamação da Escritura no momento celebrativo (Benedito, 2019, p. 83-84).

A CPD acompanha o ano litúrgico (CNBB, Doc. 108, n. 67). No decorrer do ano, é

A ARTE DE CELEBRAR

RESGATANDO A BELEZA DA LITURGIA (ANOS A, B E C)

Pe. José Carlos Pereira, cp



Versão E-Book

A obra apresenta roteiros com sugestões para as celebrações dominicais, solenidades e festas dos anos litúrgicos A, B e C. São orientações preparadas a partir das diretrizes litúrgicas e visam proporcionar às equipes de liturgia maior criatividade na preparação das celebrações.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

revelado todo o mistério de Cristo, desde a encarnação e natividade até a ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e vinda do Senhor (SC 102).

Conforme a orientação do Concílio Vaticano II para que se restaurasse a leitura da Sagrada Escritura nas celebrações (SC 35), o *Elenco das Leituras da Missa*

oferece os fatos e palavras principais da história da salvação, tomando-os da Sagrada Escritura, de tal modo que esta história da salvação, que a liturgia da Palavra vai recordando passo a passo, em seus diversos momentos e eventos, aparece diante dos fiéis como algo que tem uma continuidade atual, ao se fazer presente de novo o mistério pascal de Cristo, celebrado pela Eucaristia (n. 61).

De nossa parte, poderíamos dizer, acrescentando: “celebrado pela Eucaristia” e *atualizado nas celebrações da Palavra de Deus* (cf. também Fernandes, 2021, p. 139-148).

5. Palavra de Deus celebrada: natureza teológica e simbólico-sacramental

O documento 108 da CNBB sanciona o sentido teológico-litúrgico da CPD e alerta para a necessidade da devida preparação para resguardar sua fisionomia litúrgica (n. 57) e seu caráter sacramental (n. 63). Sendo oração do povo reunido em assembleia ao redor da Palavra de Deus, com a atuação do Espírito Santo e a participação da comunidade, a CPD expressa-se com palavras, gestos, ações simbólicas ou ritos e é estruturada de acordo com a “lógica da revelação”, que é o “princípio estruturante de um roteiro celebrativo” (CNBB, Doc. 108, n. 60), conforme especificado a seguir:

Reconhecendo a força da Palavra que passa a história da salvação e seguindo a “lógica da revelação”, através dos ritos, as comunidades judaicas e cristãs celebram a memória dos acontecimentos salvíficos em

sua própria vida. A aliança entre Deus e o seu povo é renovada e atualizada por meio das diversas ações simbólicas. Por essa razão, toda celebração deve constar dos seguintes elementos: 1º) Deus convoca e reúne; 2º) o povo atende e se constitui em assembleia; 3º) Deus dirige a sua Palavra; 4º) os fiéis escutam, refletem e respondem, professando a sua fé e suplicando; 5º) a assembleia louva e bendiz a Deus por suas maravilhas; 6º) Deus abençoa o seu povo e o envia em missão (CNBB, Doc. 108, n. 61).

Nas celebrações litúrgicas, a escuta da Palavra faz brotar a oração, o que acontece em todas as celebrações. Num verdadeiro diálogo de Deus com seu povo reunido, a liturgia lembra constantemente a Palavra revelada e, dessa forma, evoca e atualiza os feitos salvíficos de Deus. O lembrar faz que a comunidade conheça a vontade de Deus, o que ele quer, seu projeto de salvação. Então, nasce a resposta à Palavra divina, ou seja, o louvor, a ação de graças, a súplica, a intercessão, os gestos e as ações simbólicas.

Proclamando a Palavra de Deus, a comunidade toma consciência da proposta que ela transmite e ensina. Pela oração, cria-se o espaço onde a Palavra faz o que diz, traz o que anuncia, comunica sua força e revigora a caminhada.

Na verdade, o diálogo com Deus acontece constantemente, seguindo a estrutura geral da celebração: na liturgia da Palavra, predominantemente Deus fala (dimensão descendente); na louvação/ação de graças, a comunidade responde (dimensão ascendente). O diálogo acontece também em cada rito: por exemplo, na saudação, na oração coleta etc. A celebração, no seu conjunto, contém uma dinâmica de base que é dialógica: fala de Deus e resposta da comunidade, até chegarmos ao encontro profundo e sermos transformados nele (Maldonado, 1990, p. 182-187; cf. também Fernandes, 2021, p. 152-156).

A CPD é exercício do sacerdócio de Cristo, na Igreja que ele associou a si como seu corpo

“*Celebrar o dia do Senhor permite aos cristãos e cristãs entrar em contato com a ressurreição de Cristo e realizar em si mesmos o alcance salvífico que ela tem.*”

(SC 7), e é realizada por meio de sinais sensíveis que realizam o que significam (SC 7); ou seja, a Palavra se encarna e alcança a comunidade pelos sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição) e assim ganha corpo na comunidade (encarnação) (Cesar, 2020, p. 6). A comunidade de fé faz a experiência da salvação em Cristo, morto e ressuscitado, no hoje de sua história, por meio de sinais e ações simbólico-sacramentais: a reunião, a atuação dos ministérios (presidência, leitores, salmista, cantor, instrumentista etc.), o espaço celebrativo, os cantos, a oração coleta e a de ação de graças/louvação, tudo preparado de acordo com o ano litúrgico, como também as vestes litúrgicas, o ficar sentado e/ou em pé, o caminhar em procissão, o ir até o ambão, as proclamações, a invocação do Espírito Santo antes das leituras bíblicas, as preces, as súplicas, os diálogos entre quem preside e a assembleia etc.

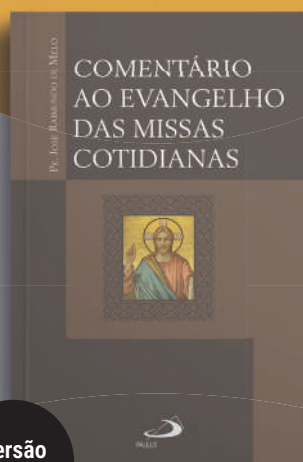
Vale ressaltar alguns aspectos descritos no documento 108 da CNBB: os ritos iniciais (n. 73-76); a liturgia da Palavra (n. 77-80); a coleta fraterna (n. 81); o louvor e ação de graças (n. 82-87), com possibilidade de distribuição da comunhão eucarística (n. 88-97); e, por fim, os ritos finais (n. 98). O documento orienta ainda a respeito da CPD e do Ofício Divino (n. 99-103) e diz uma palavra sobre a partilha de alimentos ou ágape fraterno, destacando sua importância e instruindo sobre o lugar dessa partilha (n. 104-106).

CONCLUSÃO

A CPD é de grande valor para as comunidades eclesiais que se reúnem, respondendo

COMENTÁRIO AO EVANGELHO DAS MISSAS COTIDIANAS

Pe. José Raimundo de Melo



Versão E-Book

O livro apresenta, a cada novo tempo litúrgico, breve introdução ao período e oferece, para cada dia, breve comentário do Evangelho do dia, buscando situar o leitor nos diferentes momentos celebrativos da Igreja e promover maior aproximação entre a Bíblia e o fiel cristão.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



com fé à convocação do Senhor que chama. É louvável o desempenho dos cristãos leigos, homens e mulheres, que exercem o nobre ministério de animar a fé e sustentar a espiritualidade na prática da oração e da vida litúrgica. São inúmeros os esforços e grande o empenho para que nenhuma comunidade deixe de se reunir no dia do Senhor e, também, para que essas reuniões sejam verdadeiras ações rituais de ação de graças pelas maravilhas que o Pai realizou e realiza em nossa vida por Jesus Cristo morto e ressuscitado. Tais celebrações são um espaço onde os participantes nutrem a fé por meio da escuta da Palavra que é anunciada. Nelas, a comunidade reunida encontra espaço para estabelecer um diálogo com o Deus da aliança. Celebrando ao redor da Palavra de Deus, os fiéis adquirem maior sentido do ser comunidade e da solidariedade e são fortalecidos nas iniciativas de evangelização (Marini, 1987, p. 126). **VP**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDITO, A. L. *A sacramentalidade da Palavra de Deus: uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição Sacrosanctum Concilium*. Orientador: Prof. Luiz Fernando Ribeiro Santana. 2019. 350 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47076/47076.PDF>. Acesso em: 5 maio 2021.
- BENTO XVI, Papa. *Verbum Domini: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BRANDOLINI, L. Domingo. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de liturgia*. São Paulo: Paulus; Lisboa: Paulistas, 1992. p. 305-318.
- BUYST, I. *Celebração do domingo ao redor da Palavra de Deus*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. (Equipe de Liturgia, 5).
- CESAR, D. Celebração da Palavra: uma possibilidade para a Igreja. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 47, n. 277, p. 4-7, jan./fev. 2020.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Dei Verbum: Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II: 1962-1965*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 347-367. (Coleção Documentos da Igreja).
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium: Constituição sobre a sagrada liturgia*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1967.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Documentos da CNBB, 43).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Ministério e Celebração da Palavra*. Brasília, DF: Edições CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 108).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1994. (Documentos da CNBB, 52).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe – 13-31 de maio de 2007*. Brasília, DF: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

DEISS, L. *A Palavra de Deus celebrada: teologia da celebração da Palavra de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERNANDES, V. *A dimensão orante da celebração dominical da Palavra de Deus*. 2021. Dissertação (Mestrado em Teologia, com especialização em Liturgia) – Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/24670>. Acesso em: 15 dez. 2025.

HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Tradução da versão latina e notas por Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971. (Fontes da Catequese, 4).

JOÃO PAULO II, Papa. *Dies Domini: Carta Apostólica ao episcopado, ao clero e aos fiéis da Igreja Católica sobre a santificação do domingo*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção A Voz do Papa, 158).

LUTZ, G. Teologia da liturgia dominical de comunidade sem padre. *Revista de Liturgia*, São Paulo, v. 9, n. 52, p. 1-13, jul./ago. 1982.

MALDONADO, L.; FERNANDEZ, P. A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração. In: BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja: liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 1990. v. 1, p. 161-282.

MARINI, P. La eventual presidencia litúrgica de los laicos en ausencia del sacerdote. *Phase*, Barcelona, v. 27, n. 158, p. 113-128, mar./abr. 1987.

FORMAÇÃO PARA LEITORES E MINISTROS DA PALAVRA – 3ª EDIÇÃO

Pe. Luiz Miguel Duarte, ssp /
Pe. João Paulo Bedor, ssp



Versão
E-Book

Todos os fiéis são convidados a conhecer mais profundamente a Palavra de Deus e a celebrá-la de modo mais eficaz. Este subsídio quer introduzir leitores e ministros da celebração da Palavra no vasto e precioso mundo da Palavra de Deus a ser lida, meditada e celebrada.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Pe. Moisés Henrique Fragoso de Souza*

*Moisés Henrique Fragoso de Souza é presbítero do clero da diocese de Petrópolis-RJ, doutorando em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico (Roma), onde também obteve o mestrado, e professor de Liturgia na Universidade Católica de Petrópolis.

A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS NA AUSÊNCIA DO PRESBÍTERO

A celebração dominical da Palavra de Deus, na ausência do presbítero, é uma prática presente na vida da Igreja cujo objetivo é manter viva a fé e a unidade das comunidades onde o sacerdote não consegue estar. Consiste em verdadeira ação litúrgica que santifica o domingo e fortalece os fiéis.



A celebração dominical da Palavra de Deus, na ausência do presbítero, é uma prática presente em diversas comunidades cristãs, que reconhecem a necessidade de manter viva a fé e a unidade em torno da Palavra, capaz de iluminar e revigorar os corações. Neste estudo, refletiremos sobre essa forma celebrativa como resposta a uma realidade pastoral concreta, analisando seu desenvolvimento histórico e sua contribuição para o fortalecimento da vida de fé nas comunidades onde a Eucaristia não pode ser celebrada regularmente.

1. Breve contexto histórico

A primeira realidade que precisamos ter em mente é que a celebração da Palavra de Deus, na ausência do presbítero, não é uma novidade do nosso tempo. De fato, há muitos séculos, a Igreja se depara com o mesmo desafio, que sempre reaparece sob diferentes roupagens: garantir a celebração regular da Eucaristia dominical a todas as suas comunidades locais, mesmo diante da escassez de sacerdotes.

Ao longo da história da Igreja, há inúmeros testemunhos de regiões que, após a primeira evangelização, foram confiadas pelos bispos a fiéis leigos, principalmente catequistas, para que estes reunissem a comunidade no dia do Senhor e conduzissem as orações daquela assembleia. Essa prática se fez muito presente, seja em lugares onde, por conta da distância, era impossível a presença do sacerdote todos

os domingos, seja em locais marcados por perseguições ou limitações à liberdade religiosa, o que obrigava os cristãos a se reunirem em pequenos grupos ou em famílias para celebrar a memória da ressurreição de Cristo.

Por volta do século XIII, encontramos vários testemunhos na Europa central de presbíteros que, privados da possibilidade de celebrar mais de uma missa por dia, celebravam a Eucaristia somente na igreja que lhes era confiada. Nas demais igrejas, presidiam uma celebração da liturgia das horas ou outra celebração que tinha como pontos principais a bênção e aspersão da água e a homilia. Em algumas regiões, sabe-se que a essas duas realidades se acrescentava a adoração eucarística, que, nesse período, começava a substituir a comunhão, até mesmo dentro da missa. Essa situação perdurou por muitos séculos, assumindo formas diversas. Casos notórios ocorreram na Hungria (séculos XVI-XVII), na França (século XVIII) e na Alemanha (século XIX), lugares onde fiéis leigos eram encarregados de presidir celebrações dominicais com leitura das Escrituras e orações.

Olhando para a realidade latino-americana, observamos o mesmo panorama: comunidades evangelizadas eram confiadas a fiéis leigos para conduzir a experiência de fé, utilizando todos os recursos disponíveis, na expectativa da visita do bispo ou do presbítero para celebrar os sacramentos.

2. Principais documentos do magistério recente

Diante da ausência de presbíteros que garantissem a celebração eucarística dominical, o Concílio Vaticano II chamou a atenção para o tema da celebração da Palavra de Deus na ausência do presbítero, no número 35, §4, da constituição *Sacrosanctum Concilium*:

Promova-se a celebração da Palavra de Deus nas vigílias das festas mais solenes, em alguns dias feriais do Advento e da Quaresma e nos domingos e dias de festa, especialmente onde não houver sacerdote; neste caso, será um diácono, ou outra pessoa delegada pelo bispo, a dirigir a celebração.

A proposição desse parágrafo se deu a pedido de bispos que buscavam soluções para comunidades dispersas e sem a possibilidade de celebração dominical da Eucaristia há bastante tempo. Tais bispos não pretendiam criar uma nova liturgia para substituir a missa dominical, mas restaurar uma forma litúrgica presente na Tradição da Igreja que, além de favorecer a reunião dos cristãos, assegurava o anúncio da Palavra de Deus nas regiões sem sacerdote. A proposta foi amplamente acolhida pelos demais bispos presentes.

Em 1988, a Congregação para o Culto Divino publicou o *Diretório para as Celebrações Dominicais na Ausência do Presbítero*, com o objetivo de oferecer indicações mais específicas para essa forma de celebração. Esse documento, após breve fundamentação teológica e histórica sobre a celebração da Palavra de Deus,

“ Ao longo da história da Igreja, há inúmeros testemunhos de regiões que, após a primeira evangelização, foram confiadas pelos bispos a fiéis leigos, principalmente catequistas, para que estes reunissem a comunidade no dia do Senhor. ”

MISSA: ENTENDA E PARTICIPE

Pe. Luiz Miguel Duarte, ssp



Versão
E-Book

Este livro busca oferecer ao leitor um maior entendimento da missa, por meio dos fundamentos bíblicos e teológicos da Eucaristia e de alguns pontos referentes à sua dimensão litúrgica. Também apresenta o significado de cada parte da missa, indicando algumas pistas para melhor celebrá-la.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



aborda os temas da santificação do domingo e as condições para a realização da celebração da Palavra. Sublinha também que todas essas assembleias precisam da anuência prévia do bispo local, evidenciando que estão diretamente ligadas ao seu múnus de ensinar e santificar. No terceiro capítulo, são oferecidas condições concretas para tais celebrações e estabelece-se que essa ação litúrgica deve estar em profunda conexão com a celebração eucarística.

Desse modo, todos os textos de orações, bem como os textos das leituras da Sagrada Escritura, devem ser retirados do Missal e do Lecionário, seguindo fielmente o ano litúrgico, para que os fiéis experimentem a comunhão com as demais comunidades. Além disso, oferece uma estrutura básica para o desenvolvimento dessa ação litúrgica em cinco partes: ritos iniciais; liturgia da Palavra, na qual Deus fala ao seu povo e os fiéis respondem pela profissão de fé e pela oração universal; ação de graças, com a qual os fiéis exaltam a glória de Deus e sua imensa misericórdia; ritos de comunhão (quando possível); ritos de conclusão.

Outro documento do magistério universal a ser considerado é a instrução *Redemptionis Sacramentum*, publicada pela Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos em 2004. Esse documento aborda o tema da celebração da Palavra de Deus entre os números 162 e 167. De modo sintético, chama a atenção para o direito dos fiéis de participar, a cada domingo, da celebração da Eucaristia, direito que, na medida do possível, deve ser garantido pelas Igrejas locais, entendendo que a celebração da Palavra de Deus é um modo

extraordinário de viver o domingo diante da dificuldade da ausência do presbítero.

Entre os documentos que tratam da realidade brasileira, destacam-se dois: *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus* (Doc. 52, 1994) e *Ministério e Celebração da Palavra* (Doc. 108, 2019), ambos publicados pela CNBB. O primeiro documento desenvolve seu conteúdo em duas partes: a primeira, de caráter teológico; a segunda, com elementos concretos para a elaboração de roteiros para essa forma de liturgia. Tal documento enfatiza que a celebração da Palavra de Deus precisa ser preparada e conduzida por uma equipe de celebração, na qual cada membro cumpre sua função dentro da ação litúrgica.

O segundo documento propõe uma reflexão teológica e bíblica sobre o lugar da Palavra de Deus na vida da Igreja e oferece orientações concretas para a organização das celebrações da Palavra de Deus presididas por ministros leigos e leigas devidamente formados e enviados. O texto recorda que, desde o Novo Testamento, a proclamação da Palavra sempre foi missão confiada não apenas aos apóstolos, mas também a outros discípulos, e que o Concílio Vaticano II reforçou a importância de valorizar esse ministério, reconhecendo a possibilidade de fiéis conduzirem assembleias na ausência do sacerdote.

Além disso, ressalta que a celebração da Palavra não é simples substituição da missa, mas verdadeiro encontro com o Senhor, que convoca a comunidade, fala por meio das Escrituras, alimenta a fé e envia em missão. Por fim, sublinha a necessidade de formação integral dos ministros da Palavra, que devem cultivar sólida vida espiritual, conhecimento bíblico-litúrgico e testemunho coerente de fé.

3. Uma teologia inerente à celebração da Palavra de Deus

Neste último momento, trazemos, para breve reflexão, alguns pontos que se destacam ao tratarmos o tema da celebração dominical da Palavra de Deus na ausência do presbítero.

VOLTE-SE PARA O ESSENCIAL

Os Padres da Igreja nos conduzem às fontes vivas da fé.



Publicada pela PAULUS Editora, a **Coleção Patrística** convida o leitor a descobrir os textos originais que fundamentaram a nossa fé, fazendo um mergulho na Tradição, nas Escrituras e na fé apostólica.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



**SAIBA
MAIS**

SANTO AGOSTINHO

A atualidade daquele que se deixou alcançar por Deus.



SANTO AGOSTINHO: A DOCTRINA CRISTÃ

É a carta magna de Santo Agostinho sobre a maneira de entender e pregar a Sagrada Escritura. As diretivas dadas pelo zelo pastoral do bispo de Hipona são originais e penetrantes, válidas ainda para nosso tempo.



**ADQUIRA
AGORA**



SANTO AGOSTINHO: A CIDADE DE DEUS (VOL. 1 E 2)

Um texto fundamental do cristianismo que aborda temas como a natureza de Deus, a substancialidade do bem e do mal, o direito e a lei, a contingência e a necessidade, o tempo e o espaço, a Providência e o destino.



**ADQUIRA
AGORA**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus

O primeiro desses temas refere-se à importância das assembleias dominicais, mesmo na ausência do presbítero. Seguindo a afirmação do Senhor em Mt 18,20, na qual ele garante sua presença quando dois ou mais se reunirem em seu nome, os cristãos, desde o início, procuraram assegurar que, a cada oito dias, no domingo, a assembleia se encontrasse para celebrar o grande mistério da ressurreição do Senhor. Isso é atestado tanto pela própria Escritura (At 20,7; 1Cor 16,2) quanto por escritos eclesiais, como a *Didaqué* (século I), na qual encontramos a seguinte orientação: “Reunidos em cada dia do Senhor, parti o pão e dai graças” (14,1). Essas breves indicações, bem como os testemunhos históricos apresentados anteriormente, mostram que a Igreja nunca deixou de afirmar e reafirmar a importância da reunião dominical para os cristãos, importância que pode ser considerada vital para cada comunidade.

O simples fato de uma comunidade local se reunir para celebrar o dia do Senhor por meio da proclamação e escuta da Palavra de Deus faz que ela se apresente como verdadeira assembleia da Igreja, mesmo que impossibilitada de oferecer o sacrifício eucarístico. Isso significa que as celebrações realizadas por essa comunidade constituem verdadeira ação litúrgica, ou seja, ação de Cristo à qual a Igreja se associa, ocorrendo, ao mesmo tempo, a glorificação de Deus e a santificação dos fiéis.

O segundo elemento a ser ressaltado é a própria necessidade da santificação do domingo. A sociedade consumista e secularizada em que vivemos praticamente perdeu o sentido espiritual do domingo. Esse mesmo perigo pode atingir a vida dos discípulos de Jesus. Por isso, a comunidade cristã sempre compreendeu que a assembleia dominical, da qual cada fiel é convocado para participar, tem por finalidade a santificação do dia em que a Igreja faz memória do mistério pascal de Cristo. Por meio da celebração da Palavra, sendo ela verdadeira ação litúrgica, essa santificação se

FUNÇÕES E MINISTÉRIOS NA MISSA

Pe. José Carlos Pereira, cp



Versão E-Book

A obra é um subsídio para auxiliar na orientação das equipes que servem o altar, direta ou indiretamente. Divide-se em catorze capítulos, cada um deles direcionado a uma das equipes que desempenham alguma função durante a missa.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



manifesta na vida daqueles que estão impossibilitados de participar do sacrifício eucarístico. Isso evidencia que a santificação do domingo não depende de um esforço humano, mas do querer misericordioso de Deus de alcançar a vida do ser humano com a graça da salvação.

O terceiro elemento que precisamos considerar consiste na sólida formação dos fiéis para a realização da celebração da Palavra. Essa formação pode ser entendida de duas maneiras: em primeiro lugar, a formação daqueles que são chamados a conduzir a ação litúrgica; em segundo lugar, a formação de toda a comunidade sobre a natureza e a eficácia dessa mesma ação ritual.

Os fiéis designados para conduzir a celebração dominical da Palavra de Deus são indicados pelo bispo diocesano, mediante recomendação dos párocos, que ouvem atentamente suas comunidades locais (CNBB, Doc. 108, n. 123). Esses irmãos e irmãs possuem, acima de tudo, a missão de colaborar, nos diversos ministérios, para a participação ativa, plena e consciente de toda a assembleia reunida. É necessário que assumam a consciência de que estão diante da comunidade para servi-la da melhor forma possível.

Ademais, é fundamental que esses ministros recebam formação sólida, para exercer

cada vez melhor o ministério a eles confiado. Conforme o Documento 108 da CNBB (n. 128-133), essa formação deve contemplar: formação integral, com dimensões humano-afetiva, intelectual, espiritual-litúrgica e pastoral-missionária; formação inicial e permanente; formação sistemática e profunda, com clareza nos conteúdos oferecidos.

Além dos ministros, é importante que a formação sobre a celebração da Palavra alcance os demais fiéis de uma comunidade. Conforme recorda o *Directorio* de 1988, a comunidade deve perceber que a celebração dominical da Palavra de Deus ocorre em caráter de suplência, devido à ausência da celebração da Eucaristia. Ou seja, a comunidade precisa compreender que essa ação litúrgica não é uma concessão para favorecer a comodidade, mas sim uma solução possível diante da falta de presbíteros que celebrem a Eucaristia aos domingos. Adicionalmente, é chamada a valorizar o sacerdócio ministerial e a rezar incessantemente para que Deus envie santas e numerosas vocações.

Dessa forma, a celebração dominical da Palavra de Deus, na ausência do presbítero, manifesta a fidelidade da Igreja ao mandato do Senhor para se reunir no dia da ressurreição a fim de ouvir sua voz e perseverar na comunhão fraterna. Longe de ser mero recurso substitutivo, constitui verdadeira ação litúrgica, na qual Cristo continua a falar ao seu povo por meio das Escrituras, despertando a fé, alimentando a esperança e enviando os fiéis em missão.

“ *A Igreja nunca deixou de afirmar e reafirmar a importância da reunião dominical para os cristãos, importância que pode ser considerada vital para cada comunidade.* ”

Ao mesmo tempo, essa prática recorda às comunidades a centralidade da Eucaristia e a necessidade de rezar com insistência pelas vocações sacerdotais, sem perder de vista a dimensão missionária que deve animar cada celebração.

Diante dos desafios atuais, a Igreja é chamada a valorizar essa forma de celebração, assegurando adequada formação aos ministros e aos fiéis, de modo que todos possam viver com profundidade a santificação do domingo. Assim, a celebração da Palavra torna-se não apenas uma resposta pastoral a uma necessidade, mas também uma oportunidade de redescobrir a força do encontro comunitário, a centralidade da Palavra de Deus e a presença viva de Cristo que caminha com sua Igreja, sustentando-a na esperança até o dia em que todos possam participar plenamente do banquete eucarístico. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II.

Sacrosanctum Concilium: Constituição sobre a sagrada liturgia. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 25-79.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Ministério e Celebração da Palavra*. Brasília, DF: CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 108).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações para a Celebração da Palavra de Deus*. Brasília, DF: CNBB, 1994. (Documentos da CNBB, 52).

SARTORE, D. Assembleias sem presbítero. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de liturgia*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009. p. 104-108.

TYMISTER, M. Le assemblee domenicale in assenza del presbitero. *Pontificia Academia Theologica*, Roma, v. 19, n. 1, p. 35-48, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44582614/Le_Assemblee_domenicali_in_assenza_del_presbitero?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 5 jul. 2025.

LITURGIA: CONHEÇA MAIS PARA CELEBRAR MELHOR

Pe. Luiz Miguel Duarte, ssp



Esta edição revista e ampliada apresenta noções gerais a respeito da liturgia e destaca o valor da expressão corporal, além de explicar o significado de diversos elementos que fazem parte das celebrações. A linguagem simples e a utilização de ilustrações favorecem a compreensão do conteúdo.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



Dr. Emerson Sbardelotti*

*Emerson Sbardelotti é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, agente de pastoral leigo e ministro da Palavra na paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Cobilândia, Vila Velha, arquiocese de Vitória-ES. E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com

A CELEBRAÇÃO DA PALAVRA NO DIA DO SENHOR



O presente artigo busca refletir sobre a importância da celebração da Palavra de Deus enquanto lugar de encontro com Jesus de Nazaré, com sua pedagogia e prática libertadora, no qual os cristãos leigos e leigas são convidados a segui-lo e fazer as mesmas opções, assumindo as consequências da defesa de todas as vidas.

1. Celebração da Palavra: lugar de encontro com Jesus de Nazaré

Promovam-se celebrações da Palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em certos dias da Quaresma e do Advento, nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes (SC 35,4).

Quando iniciei minha caminhada de agente de pastoral leigo e ministro da Palavra, na década de 1990, em visita às comunidades eclesiais de base na paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida (naquela época, eram mais de 25; hoje, são apenas 9) para presidir celebrações da Palavra de Deus, chegava antes do início e me reunia com as lideranças para saber o que havia acontecido de importante ali naquela semana: nascimentos, falecimentos, o calçamento e o saneamento básico que nunca ficavam prontos, reuniões das equipes de serviço, de liturgia, de catequese, dos círculos bíblicos, da pastoral da juventude, do movimento comunitário e/ou da associação de moradores numa sala da igreja, a festa da padroeira e/ou do padroeiro que se aproximavam. Os acontecimentos da vida eram levados para a celebração da Palavra e a celebração da Palavra era levada para os acontecimentos da vida. Fé e vida.

A cada celebração da Palavra que presido, mesmo depois de tantos anos, sempre me emocionou profundamente, pois, apesar de me preparar espiritualmente, de ler e reler a Palavra a

ser proclamada no domingo, dia do Senhor, de cantar músicas da caminhada que fazem exegese da Palavra de Deus, vejo-me suando frio, ou, como se diz, “com aquele friozinho na barriga”. Com mulheres e homens que vieram antes de mim, aprendi que a emoção de presidir e partilhar a Palavra junto à assembleia reunida é experimentar em “comum-unidade” a presença misericordiosa do Deus da vida, buscando levar ao povo de Deus, como canta o Pe. Zezinho, scj, a palavra certa: “Dá-me a palavra certa, / na hora certa / e do jeito certo / e pra pessoa certa / [...]. Palavra é como pedra / preciosa, sim, / quem sabe o valor cuida bem do que diz. / Palavra é como brasa, / queima até o fim, / quem sabe o que diz vai levar a Palavra”. E queima de fato, até o fim!

A celebração da Palavra é um lugar de encontro com Jesus de Nazaré que *desperta três virtudes vitais* (o respeito, o diálogo e o encontro), *impulsiona três atitudes vitais* – a *koinonia* (comunhão), a *diakonia* (serviço) e a *martíria* (testemunho) – e no qual cristãos e cristãs *seguem três regras*: optar por Jesus de Nazaré, fazer as mesmas opções de Jesus de Nazaré e assumir todas as consequências. Além disso, possui atrativos que deveriam ser comuns a todas as pessoas, quando profundamente vivida: leva à defesa de todas as vidas, à busca da paz e da justiça social, contra toda pobreza, no seguimento de Jesus de Nazaré, de sua pedagogia e prática libertadora.

Sobre a pobreza, o papa Leão XIV adverte-nos:

Com efeito, o Evangelho mostra que esta pobreza abrangia todos os aspectos da sua vida. Desde a sua entrada no mundo, Jesus experimentou as dificuldades relacionadas com a rejeição. [...] Trata-se da mesma exclusão que caracteriza a definição dos pobres: eles são os excluídos da sociedade. Jesus é a revelação deste *privilegium pauperum*. Ele apresenta-se ao mundo não só como Messias pobre, mas também como Messias dos pobres e para os pobres (DT 19).

É também importante fazer memória da Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, aprovada por São Paulo VI em 4 de dezembro de 1963, durante o Concílio Ecumênico Vaticano II (Roma, 1962-1965), que promove e incentiva a celebração da Palavra de Deus com frequência, mistagogia e simplicidade, não só na Igreja, mas em outros espaços em que se reúnam os fiéis leigos e leigas para experimentar Jesus de Nazaré em sua vida. Não obstante, é certo que a celebração da Palavra não substitui a celebração eucarística. Podemos afirmar, porém, com toda a certeza, que a celebração da Palavra de Deus foi e continua sendo um dos frutos concretos da recepção do Vaticano II na América Latina e Caribe, principalmente aqui no Brasil.

Dom Clemente José Carlos Isnard afirma:

A celebração da Palavra de Deus é um ato litúrgico reconhecido e incentivado pela Igreja. Sua reflexão torna-se ainda mais significativa se considerarmos o apreço das comunidades pela leitura e meditação da Sagrada Escritura e a prática de leitura orante. A Palavra de Deus é acontecimento, onde o Pai entra na história, onde o Filho prolonga o mistério de sua Páscoa e o Espírito atua com sua força. As celebrações da Palavra de Deus, especialmente aos domingos, fundamentam-se no caráter sacerdotal de cada batizado e de cada batizada.

SERVINDO NO ALTAR E NA VIDA

Pe. Elton Marcelo Bussolotto Aristides



O livro auxilia na formação da pastoral dos acólitos e coroinhas, despertando para a beleza da vocação colocada a serviço do Evangelho. A obra aborda aspectos importantes da liturgia, como atitudes necessárias ao coroinha e as principais funções relativas ao seu ministério.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



As celebrações da Palavra de Deus não são uma criação das últimas décadas, mas fazem parte da Tradição da Igreja. As comunidades primitivas criaram uma estrutura própria de celebração da Palavra – o ofício divino. Hoje existem, nas comunidades católicas do Brasil, diversos roteiros da celebração da Palavra. A finalidade destas celebrações é a de assegurar às comunidades cristãs a possibilidade de se reunir no domingo e nas festas, tendo a preocupação de inserir suas reuniões na celebração do ano litúrgico e de as relacionar com as comunidades que celebram a Eucaristia (Isnard, 2014, p. 7-8).

A celebração da Palavra é o lugar de encontro com Jesus de Nazaré, pois o Mestre está presente em todos os momentos alegres, em todos os momentos tristes e, principalmente, em todas as lutas que circundam nossas comunidades. “Não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG 92).

Na maioria de nossas comunidades espalhadas pelo Brasil, a celebração da Palavra está assim dividida: 1) ritos iniciais; 2) liturgia da Palavra; 3) coleta fraterna; 4) louvor e ação de graças; 5) comunhão eucarística; 6) ritos finais. Ao prepararem-na e dela participarem com respeito e dignidade, fica evidente a alegria

“ Os acontecimentos da vida eram levados para a celebração da Palavra e a celebração da Palavra era levada para os acontecimentos da vida. Fé e vida. ”

dos cristãos leigos e leigas, que sabem que, além de ser um ato litúrgico, ela é uma das missões que cada batizado e batizada deve assumir enquanto sacerdócio, por amor a Deus e ao povo reunido. A celebração da Palavra é o lugar propício para que as pessoas não só ouçam falar de Jesus de Nazaré, mas também experimentem o próprio Cristo no meio da comunidade reunida.

Se a liturgia é um *locus theologicus*, a Palavra é um *locus liturgicus*. Essa proposição afirma que jamais a liturgia foi completa e plena sem a celebração da Palavra (Bogaz; Hansen, 2020, p. 39).

2. Celebração da Palavra: apontamentos à luz do Documento de Aparecida

Com profundo afeto pastoral, queremos dizer aos milhares de comunidades com seus milhões de membros, que não têm a oportunidade de participar da Eucaristia dominical, que também elas podem e devem viver “segundo o domingo”. Podem alimentar seu já admirável espírito missionário participando da “celebração dominical da Palavra”, que faz presente o mistério pascal no amor que congrega (cf. 1Jo 3,14), na Palavra acolhida (cf. Jo 5,24-25) e na oração comunitária (cf. Mt 18,20) (DAp 253).

A 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho realizou-se

na cidade de Aparecida, no estado de São Paulo, Brasil, de 13 a 31 de maio de 2007. A basílica nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, padroeira do Brasil, acolheu 266 participantes, entre os quais 162 membros votantes na assembleia, 81 convidados, 8 observadores de outras religiões e 15 peritos. O Documento de Aparecida teve como redator o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, nosso querido e saudoso papa Francisco, e como tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. Ele retoma o chamado do Espírito a todas as Igrejas do continente, para uma profunda fidelidade às suas origens, nunca se esquecendo dos pobres. Três iniciativas de grande significado popular e pastoral ocorreram ao mesmo passo e nos arredores de Aparecida: 1) Seminário Latino-americano de Teologia, coordenado pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil e transmitido pela internet; 2) Romaria das Pastorais Sociais – CEBs – Pastoral da Juventude; 3) Tenda dos Mártires da Caminhada. Tais iniciativas apresentaram aos participantes o rosto de uma Igreja dos pobres, em saída, sinodal. Em 2027, a Conferência de Aparecida completa vinte anos, e sua contribuição continua atual: a consciência de que cada cristão e cristã deve tornar-se verdadeiro discípulo-missionário, verdadeira discípula-missionária, no seguimento de Jesus de Nazaré numa Igreja sinodal, em saída e dos pobres.

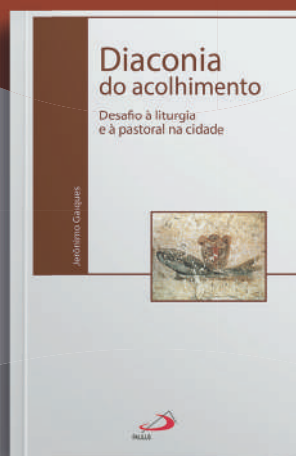
Em seu discurso inaugural, o papa Bento XVI acentuou:

A fé liberta-nos, de igual modo, do isolamento do eu, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si mesmo e como tal, encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação e de responsabilidade pelo outro e pelos demais. Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).

DIACONIA DO ACOLHIMENTO

DESAFIO À LITURGIA E À PASTORAL NA CIDADE

Pe. Jerônimo Gasques



O autor fala sobre o tema do acolhimento, que está em pauta e em falta tanto na teoria como na prática pastoral. A obra não aborda uma pastoral em si, mas como os diversos membros da comunidade eclesial podem atuar juntos no acolhimento das pessoas, seja nas missas, na catequese ou na secretaria paroquial.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

[...] Por isso, é necessário educar o povo para a leitura e a meditação da Palavra de Deus: que ela se transforme no seu alimento para que, pela sua própria experiência, vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida (cf. Jo 6,63). Caso contrário, como poderão anunciar uma mensagem cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? Temos de fundamentar o nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus. [...] O domingo significa, ao longo da vida da Igreja, o momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado (Bento XVI, 2007).

Aparecida afirma que é preciso dar “graças a Deus, que nos deu o dom da palavra, com a qual podemos comunicar-nos com ele por meio de seu Filho, que é sua Palavra (cf. Jo 1,1), e entre nós” (DAp 25). Lembra que, “na América Latina e no Caribe, inumeráveis cristãos procuram buscar a semelhança do Senhor ao encontrá-lo na escuta orante da Palavra” (DAp 142); que “o mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração de fé e no serviço da caridade, até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça (cf. Ef 4,15-16)” (DAp 151); que, “seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (cf. At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade” (DAp 175); que “entende-se, assim, a grande importância do preceito dominical de ‘viver segundo o domingo’, como necessidade interior do cristão, da família cristã” (DAp 252); que “é necessário cultivar a amizade com Cristo na oração, o apreço pela celebração litúrgica, a experiência comunitária, o compromisso apostólico mediante um permanente serviço aos demais” (DAp 299); que, “acolhendo a Palavra de vida eterna e alimentados pelo Pão descido do céu, [o discípulo] quer viver a plenitude do amor e conduzir todos ao encontro com Aquele

que é o Caminho, a Verdade e a Vida” (DAp 350); que a pastoral urbana deve integrar “os elementos próprios da vida cristã: a Palavra, a liturgia, a comunhão fraterna e o serviço, especialmente aos que sofrem pobreza econômica e novas formas de pobreza” (DAp 517g).

Todos os números acima do Documento de Aparecida, conjuntamente com o número 253, oferecem uma interpretação positiva e incentivam a celebração da Palavra, pois ela “é uma verdadeira ação litúrgica. É a celebração do dia do Senhor, páscoa semanal, ritualizada pela Palavra de Deus anunciada” (CNBB, 2025, p. 102).

De certa forma, o Documento de Aparecida reforça a originalidade, a força e a necessidade atual da celebração da Palavra de Deus, até mesmo como combate ao crescente clericalismo em nossas comunidades, paróquias e dioceses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do Documento de Aparecida, a celebração da Palavra de Deus revela-se um convite a todos os leigos e leigas a se reunirem para fazer memória de Jesus de Nazaré; experimentar no cotidiano suas palavras, praticando-as no respeito, no diálogo e no encontro com os descartados e descartadas, marginalizados e marginalizadas, excluídos e excluídas. A celebração da Palavra de Deus é um acontecimento comunitário, em que fé e vida revelam o rosto de Deus, um rosto com vários rostos: “feições de crianças, feições de jovens, feições de indígenas, feições de afro-americanos, feições de camponeses sem-terra, feições de operários, feições

“ *A celebração da Palavra é o lugar propício para que as pessoas não só ouçam falar de Jesus de Nazaré, mas também experimentem o próprio Cristo no meio da comunidade reunida.* ”

de subempregados e desempregados, feições de marginalizados” (Celam, 1979, p. 32-38). A celebração da Palavra de Deus nos transforma em testemunhas da esperança. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTO XVI, Papa. Discurso do papa Bento XVI na sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Vaticano, 13 maio 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_bn-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 24 out. 2025.
- BOGAZ, A. S.; HANSEN, J. H. Igreja nos primórdios: a força da Palavra. In: PARO, T. F. (org.). *Atualização litúrgica 3*: Associação dos Liturgistas do Brasil. São Paulo: Paulus, 2020.
- CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe – 13-31 de maio de 2007. 14. reimp. Brasília, DF: Edições CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2013.
- CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*: conclusões da Conferência de Puebla. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CNBB. *Celebração da Palavra de Deus*. 5. reimp. São Paulo: Paulus, 2014.
- CNBB. *Guia Litúrgico-Pastoral*: revisado e atualizado. 4. ed. Brasília, DF: Edições CNBB, 2025.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.
- ISNARD, C. J. C. Apresentação. In: CNBB. *Celebração da Palavra de Deus*. 5. reimp. São Paulo: Paulus, 2014.
- LEÃO XIV, Papa. *Dilexi Te*: Exortação Apostólica sobre o amor para com os pobres. Vaticano, 4 out. 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leoxiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004dilexi-te.html. Acesso em: 16 out. 2025.
- PALAVRA certa. Intérprete e compositor: Pe. Zezinho, scj. In: *MISSA Fazedores da paz*. Intérprete: Pe. Zezinho, scj. São Paulo: Comap, 1998. 1 CD, faixa 3.

PALAVRA VIVA E EFICAZ

ROTEIROS HOMILÉTICOS – ANO A

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, nj



Trata-se de ferramenta que colabora com os agentes de pastorais e com todo o povo de Deus em seus estudos, meditação, anúncio e vivência da Boa Notícia. Quer ser, especialmente, preciosa fonte para a preparação das homilias, de modo que as liturgias sejam verdadeiras experiências do mistério celebrado.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp*

*Antonio Iraildo Alves de Brito é padre paulino, doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É jornalista e poeta. É professor na Faculdade Paulus de Comunicação (Fapcom) e editor de *Vida Pastoral*.



JESUS CRISTO NO ROSTO DO POBRE

uma breve leitura da
exortação *Dilexi Te*
("Eu te amei")



A exortação “Dilexi Te” reafirma o amor de Cristo como o núcleo da missão eclesial, transfigurando o rosto do pobre em lugar teológico de revelação. O artigo analisa a denúncia das estruturas de exclusão e a falácia da meritocracia, propondo uma “Igreja hospital de campanha” que acolhe as chagas do mundo.

A história da Igreja é marcada por documentos que funcionam como bússolas para tempos de crise. A Exortação Apostólica *Dilexi Te*, do papa Leão XIV, surge como um desses marcos providenciais. Ao assumir e expandir o projeto iniciado pelo papa Francisco em seus últimos meses de vida, Leão XIV não apenas honra o legado de seu antecessor, mas também consolida uma teologia em que a espiritualidade e a justiça social são indissociáveis. O pobre é um lugar teológico onde Deus revela sua maior predileção. Em um mundo fragmentado pelo individualismo digital e pela tecnocracia, a *Dilexi Te* convoca a Igreja para não perder de vista sua identidade no serviço aos mais frágeis, reafirmando que o amor de Cristo é a medida de toda ação humana.

1. O altar das periferias

A grande contribuição teológica da *Dilexi Te* reside na afirmação de que o contato com o pobre não pertence meramente ao horizonte da “assistência” ou da “filantropia”, mas sobretudo ao da “revelação”. O papa Leão XIV argumenta, com base em uma leitura profunda das Escrituras, que Jesus de Nazaré não apenas defendeu os pobres, mas também assumiu sua condição ontológica. No mistério da encarnação, Deus não escolhe a neutralidade. Ele escolhe a margem, fazendo da carência seu santuário. Ao analisar o episódio da mulher que unge Jesus com um perfume precioso

(Mt 26), a exortação reverte a lógica funcionalista. Enquanto os discípulos viam um “desperdício” de recursos que poderiam ser monetizados, Jesus vê um gesto de amor profético que antecipa o bálsamo da ressurreição sobre o corpo macerado da humanidade.

O texto revela que o afeto pelo Senhor e o afeto pelos pobres são correntes que se alimentam mutuamente. A pobreza de Jesus, desde a manjedoura até a cruz – na qual ele morre “fora dos muros”, na exclusão total –, é apresentada como o *privilegium pauperum* (privilegio dos pobres). Teologicamente, o documento resgata o conceito de “Cristo no pobre”. Quando Jesus afirma “a mim o fizestes” (Mt 25,40), estabelece uma identidade mística que transforma o necessitado em um “sacramento vivo”.

Portanto, a opção preferencial pelos pobres, tão viva nos documentos das Conferências Episcopais Latino-americanas e Caribenhas, não é um apêndice ético da fé ou uma escolha ideológica de uma ala da Igreja: é uma exigência cristológica. É Evangelho. Ignorar o sofrimento do outro é não apenas uma falha moral, mas também um ato de “surdez espiritual” à própria voz de Deus, que clama na história. A santidade, conforme descrita no capítulo II da exortação, é impossível se se faz uma separação entre o incenso do altar e a poeira da rua. O altar do sacrifício e a mesa do indigente são, em última análise, o mesmo lugar onde o Ressuscitado parte o pão da esperança.

“ *O pobre é um lugar teológico onde Deus revela sua maior predileção.* ”

2. Entre o luxo e o lixo

No segundo eixo, a exortação mergulha na análise sociopolítica. Ali, Leão XIV confronta as “ideologias mundanas” que se infiltram na mentalidade cristã contemporânea. O texto é contundente ao desmascarar a falsa narrativa da meritocracia, essa “névoa dourada” que cega os privilegiados para não verem as correntes que prendem os pés dos humildes. Em um sistema que ignora o ponto de partida desigual dos indivíduos, a meritocracia torna-se uma ferramenta de crueldade, utilizada para justificar a opulência de poucos e a miséria de muitos. A exortação denuncia que a pobreza não é um “destino cego” ou uma “falta de esforço”, mas o resultado de estruturas de pecado que se tornaram arquitetura social.

O papa destaca a “poética da dor” daqueles que trabalham exaustivamente, do amanhecer ao anoitecer, em funções degradantes, apenas para garantir a subsistência mínima, sem que o sistema lhes permita sequer sonhar com o amanhã. Ao fazer isso, o documento quer atingir o coração do sistema econômico atual, que prefere a frieza dos números ao calor do sangue humano.

O conceito de “cultura do descarte”, amplamente trabalhado por Francisco e agora aprofundado por Leão XIV, descreve uma sociedade que trata seres humanos como excedentes sem serventia. O documento cita as “novas pobreza” como feridas abertas: a exclusão digital, que cria novos analfabetos de cidadania; a pobreza energética, que apaga a luz da dignidade; e, de modo dilacerante, a vulnerabilidade das mulheres, “flores pisoteadas” por sistemas de violência e desigualdade. A crítica se estende à

O ANO LITÚRGICO E AS SUAS PRINCIPAIS CELEBRAÇÕES

SUBSÍDIO PARA COROINHAS, ACÓLITOS, CERIMONIÁRIOS E DEMAIS FIÉIS CELEBRANTES

Pe. Edson Adolfo Deretti



Versão E-Book

Um convite a mergulhar na riqueza, na beleza, na verdade e na espiritualidade que brotam das celebrações eucarísticas. No decorrer da obra, o autor oferece explicações detalhadas sobre as celebrações que acontecem durante todo o ano litúrgico.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“ *A meritocracia torna-se uma ferramenta de crueldade, utilizada para justificar a opulência de poucos e a miséria de muitos.* ”

indiferença globalizada, essa “anestesia da alma” que nos permite ver a tragédia de uma criança naufragada como se fosse apenas mais uma imagem em uma tela de vidro. A economia, para ser cristã, deve deixar de ser um cálculo de lucros para ser um hino à vida plena.

3. A Igreja como hospital de campanha

No terceiro subtítulo, a reflexão volta-se para a práxis eclesial. Inspirado pelo desejo de Francisco de uma “Igreja pobre e para os pobres”, Leão XIV propõe uma reforma que vá além da estética: uma conversão do olhar que transforme a instituição em um abraço. A Igreja das bem-aventuranças não é uma empresa de serviços religiosos, mas uma “mãe de rosto samaritano” que se inclina sobre as feridas da história. A exortação recupera a figura dos primeiros diáconos (At 6) para mostrar que a caridade nunca foi o “setor social” da Igreja, mas sua própria respiração.

A união entre o testemunho de Santo Estêvão e o serviço às mesas simboliza que a liturgia mais bela é aquela que se traduz em pão repartido. O documento convoca as paróquias

e as instituições católicas para abandonarem a segurança de seus muros a fim de se tornarem “faróis de luz” em meio às trevas da exclusão.

O profetismo da *Dilexi Te* reside na proposta de que os pobres não devem ser apenas “objetos” de piedade, mas mestres de fé. Eles possuem a “ciência da resistência” e a “teologia da confiança” que faltam às elites saciadas. O texto desafia as comunidades a trocar o paternalismo pela fraternidade real. Não basta dar o pão; é preciso partilhar a vida, ouvir os silêncios e lutar contra as mãos invisíveis que geram a escassez.

Leão XIV insiste que a credibilidade da Igreja, no século XXI, será medida pela sua capacidade de tocar, com ternura e coragem, as chagas de Cristo presentes nos marginalizados. Em um mundo de ruídos e ódios virtuais, a caridade sintonizada com o clamor das pessoas é a única melodia capaz de converter corações. A missão eclesial encontra autenticidade quando se torna abrigo para os desterrados e voz para os emudecidos pela dor. Uma Igreja que não caminha com os pés sujos de estrada não conhece o caminho do Calvário nem a luz da Galiléia.

CONCLUSÃO

A Exortação Apostólica *Dilexi Te* não é apenas mais um documento na vasta produção do magistério da Igreja; tampouco é uma coleção de conselhos piedosos. Na verdade, é um manifesto profético, poético e teológico para chamar a atenção da humanidade em tempos de barbárie. Ao centrar sua mensagem no “Eu te amei” de Cristo dirigido aos mais frágeis, o papa Leão XIV oferece uma bússola que aponta o caminho para o coração de Deus através das periferias existenciais.

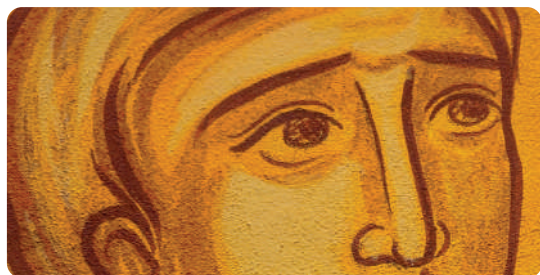
A exortação do papa Leão enfatiza que a santidade cristã é uma teia tecida com os fios da justiça e da compaixão. Se a Igreja for fiel à melodia da *Dilexi Te*, deixará de ser vista como uma guardiã de leis frias para ser sentida como a casa onde todos os filhos e filhas, especialmente os que nada têm, são amados sem reservas. O desafio é converter o “clamor do pobre” no “cântico da Igreja”. Afinal, no entardecer da existência, as palavras silenciarão, os títulos sumirão e restará apenas a marca do amor que fomos capazes de semear nas fendas do mundo. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA Sagrada. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

LEÃO XIV, Papa. *Dilexi Te*: Exortação Apostólica sobre o amor para com os pobres. São Paulo: Paulus, 2025.



MEDITANDO A PALAVRA 4 – TEMPO COMUM - DIAS DA SEMANA

Pe. Augusto César Pereira, scj



Versão
E-Book

O livro traz reflexões a respeito da liturgia da Palavra dos dias da semana do Tempo Comum, sendo rica fonte inspiradora para o aprofundamento espiritual e o compromisso com a profecia do novo mundo. O Tempo Comum é o período para buscar viver na prática cotidiana as conquistas de Cristo em seu mistério pascal.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Pe. Marcus Mareano*



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA PALAVRA VIVA PELO CÓDIGO QR AO LADO.



Julho

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.



Agosto

14º DOMINGO DO TEMPO COMUM

5 de julho

Deus dos simples

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo convida a comunidade a discernir os lugares nos quais Deus se revela e os modos pelos quais ele o faz. Longe de manifestar-se na arrogância, na autossuficiência ou na lógica do poder opressor, Deus se deixa conhecer na simplicidade, na humildade e na pequenez. Essa inversão na lógica dos critérios humanos de grandeza constitui o eixo hermenêutico das leituras propostas.

A primeira leitura (Zc 9,9-10) apresenta a figura de um enviado de Deus cuja missão se realizará na pobreza e na humildade. Não será por meio da força militar ou da violência que esse mensageiro instaurará a ordem de Deus. Ao contrário, ele o fará por meio da simplicidade, desmontando os instrumentos de guerra e de morte e inaugurando um horizonte de paz plena.

No Evangelho (Mt 11,25-30), Jesus eleva ao Pai uma oração de louvor que explicita essa mesma lógica divina. A revelação do Reino, rejeitada pelos “sábios e inteligentes”, encontra acolhimento no coração dos “pequeninos”.

Os pobres, os simples e os marginalizados se dispõem interiormente à mensagem de Jesus, enquanto os envaidecidos pelo conhecimento se mostram impermeáveis aos apelos de Deus. Em seguida, Jesus convida todos ao seu seguimento, afirmando que seu fardo é leve e suave e seu coração é humilde.

A segunda leitura (Rm 8,9.11-13) articula essa mesma lógica no modo de vida prático. Paulo exorta os romanos a viver “segundo o Espírito” e não “segundo a carne”. Esse apelo aponta para uma maneira de agir orientada pela graça e caracterizada pela abertura às surpresas divinas e pela conformação a Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Zc 9,9-10)

A passagem com a qual iniciamos a liturgia da Palavra se situa em um contexto pós-exílico. O horizonte histórico-literário refletido nos textos indica um período posterior às conquistas de Alexandre da Macedônia, quando o povo judeu já se encontrava inserido no âmbito do Império Helenístico.

A figura do Messias é evocada de modo recorrente e apresentada sob diversas imagens simbólicas: rei, pastor e servo do Senhor. Na primeira seção (Zc 9,1-11,7), o profeta anuncia

*Marcus Mareano é natural de Fortaleza-CE. Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Bacharel e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Doutor em Teologia Bíblica, com dupla diplomação, pela Faje e pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica (KU Leuven). Professor de Teologia no Seminário Provincial Coração de Jesus (Diamantina-MG) e no Instituto Teológico Dom Hermínio Malzone Hugo (Governador Valadares-MG). Pároco da paróquia São Mateus, em Belo Horizonte-MG. E-mail: marcusmareano@gmail.com

a intervenção definitiva de Deus em favor do seu povo por meio da figura messiânica; na segunda (Zc 12,1-14,21), os oráculos projetam a salvação e a futura glorificação de Jerusalém.

Nesse cenário, o profeta descreve o retorno do rei vitorioso à cidade santa, convidando Jerusalém à alegria e ao júbilo pela chegada de seu rei “justo e salvador” (v. 9). A entrada desse rei, embora triunfal, é marcada pela humildade e pela não violência. Ele não se apresenta montado em um cavalo de guerra, símbolo tradicional do poder militar, mas em um “jumentinho, filho de uma jumenta”. Esse gesto estabelece um contraste intencional com as demonstrações de força, poder e agressividade típicas dos governantes das grandes potências da época.

Paradoxalmente, esse rei humilde e pacífico possui autoridade para pôr fim aos conflitos (v. 10). Ele destruirá os instrumentos bélicos (carros, cavalos e arcos de guerra) e proclamará a paz universal. Seu reinado se estenderá longamente, “de um mar a outro” e “desde o rio até os confins da terra”, expressões que simbolizam a abrangência universal de sua soberania no imaginário do Antigo Oriente.

2. II leitura (Rm 8,9.11-13)

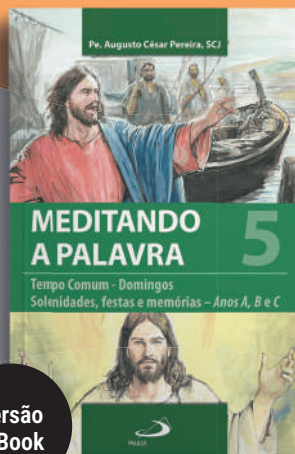
O texto proposto insere-se em um capítulo no qual Paulo reflete de modo particularmente denso sobre a vida segundo o Espírito. Nesse trecho, o apóstolo afirma que o Espírito de Deus, que acompanhou permanentemente a vida de Jesus, o ressuscitou, mostrando que, no desígnio divino, a entrega total da vida não desemboca na destruição, mas no surgimento de uma vida plena e definitiva.

Esse mesmo Espírito foi oferecido por Cristo aos seus discípulos (v. 11). Eles devem reconhecer que, ao configurarem a própria existência à de Cristo, participarão também da vida nova comunicada pelo Espírito. O que ocorreu com Jesus também se aplicará aos que o seguem.

Nessa perspectiva, Paulo conduz os cristãos às implicações éticas dessa realidade (v. 12-13).

MEDITANDO A PALAVRA 5 – TEMPO COMUM: DOMINGOS, SOLENIDADES, FESTAS E MEMÓRIAS - ANOS A, B e C

Pe. Augusto César Pereira, scj



Versão E-Book

O livro traz reflexões a respeito da liturgia da Palavra dos domingos do Tempo Comum – período marcado fortemente por reflexões e temas que ajudam a formar o discípulo, para que se torne missionário do Ressuscitado, testemunhando o Evangelho nas diversas situações da vida –, bem como das memórias, das solenidades e festas dos anos litúrgicos A, B e C.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Viver “segundo a carne” conduz à morte, que não significa apenas a morte física, mas sobretudo a impossibilidade de alcançar a vida eterna e definitiva. Viver “segundo o Espírito” conduz à ressurreição e à plena realização da existência.

Nos textos de Paulo, o termo “carne” não designa simplesmente a dimensão material do ser humano, mas sobretudo a atitude de fechamento a Deus, marcada pelo egoísmo, pela autossuficiência e pela rejeição dos valores divinos. O termo “espírito” remete à existência orientada pela relação com Deus, pautada pela escuta de sua vontade, pela adesão ao seu projeto e pela doação da vida em favor dos outros.

Diante disso, Paulo conclama aqueles ovinos a uma decisão fundamental: optar por um modo de vida configurado ao Espírito. O apóstolo demonstra que a conformação a Cristo, mediada pela ação do Espírito, conduz o ser humano à vida plena e definitiva.

3. Evangelho (Mt 11,25-30)

A passagem do Evangelho deste domingo é composta de três partes. As duas primeiras (v. 25-27) também se encontram em Lucas (Lc 10,21-22), pois vêm de uma fonte comum aos dois evangelistas. A terceira (v. 28-30) é exclusiva de Mateus.

A primeira parte (v. 25-26) constitui uma oração de louvor dirigida por Jesus ao Pai, que escondeu aquelas coisas aos sábios e inteligentes (doutores da Lei e fariseus) e as revelou aos pequeninos (os discípulos, os pobres e os marginalizados). As pessoas legalistas se consideravam justas e garantidas na salvação, por isso resistiam a qualquer questionamento ao sistema religioso no qual se haviam instalado. Em contraposição, os menos favorecidos da sociedade acolhiam a mensagem do Evangelho e se colocavam surpreendentemente receptivos à proposta libertadora de Jesus.

A segunda parte (v. 27) aprofunda a anterior e explicita aquilo que foi ocultado aos “sábios e inteligentes” e revelado aos “pequeninos”. Jesus

afirma que somente por meio dele, o Filho, é possível entrar na comunhão plena com o Pai. Quem rejeita Jesus permanece preso às imagens distorcidas de Deus, usadas muitas vezes para julgar e excluir. Quem o acolhe e segue, ao contrário, aprende a viver na obediência confiante aos projetos de Deus e na comunhão profunda com ele.

A terceira parte (v. 28-30) consiste em um convite direto: “vinde a mim” e “tomai sobre vós o meu jugo”. A imagem do jugo, no contexto farisaico, era tradicionalmente atribuída à Lei, considerada a norma suprema da vida (Eclo 6,24-30; 51,26-27). Contudo, na prática, ela se tornou, para muitas pessoas, um fardo quase impossível de carregar. A multiplicidade das prescrições (aproximadamente 613 preceitos) gerava peso e angústia. A incapacidade cotidiana de cumpri-las alimentava a culpa e a sensação de indignidade e de distanciamento de Deus. Assim, os preceitos acabavam por aprisionar, em vez de libertar.

A proposta de Jesus contrapõe-se a essa lógica. Ele dirige sua oferta amorosa àqueles que a religião oficial excluía e assegura que Deus não os rejeita, mas os convida a integrar a nova realidade do Reino. É nesse novo dinamismo, marcado pela misericórdia e pela libertação, que encontram a alegria e a vida plena que as leis antigas jamais lhes puderam oferecer.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

As três leituras convergem para a afirmação de que Deus se manifesta de maneira privilegiada na simplicidade. Somente quem se dispõe interiormente se torna capaz de acolher plenamente sua revelação e seu projeto de salvação.

Em vez de nos apegarmos a conhecimentos ou aguardar uma manifestação ostensiva, podemos aderir ao caminho proposto pelo Mestre do fardo suave. Quando nos desprendemos um pouco, damos oportunidades para a ação divina e permitimos as surpresas de Deus em nossa vida.

A verdadeira soberania divina não se impõe, mas se oferece na forma de serviço e mansidão, revelando a lógica de um Deus que constrói a paz por caminhos radicalmente distintos dos padrões humanos.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM

12 de julho

Uma palavra eficaz

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo convida a comunidade à renovada compreensão da centralidade da Palavra de Deus. A escuta e a acolhida dessa Palavra constituem o eixo estruturante da experiência de fé em Cristo, pois é por meio dela que a pessoa entra em relação com o mistério divino revelado na história.

A primeira leitura sublinha o caráter eficaz e performativo da Palavra de Deus, que se manifesta como princípio fecundo e criador de vida. A Palavra divina não é mero discurso, mas ação salvífica que transforma a realidade, orienta os caminhos humanos e sustenta a esperança do povo de Deus. Mesmo quando seus efeitos não coincidem com as expectativas humanas, ela permanece eficaz, pois cumpre sempre o desígnio salvador de Deus na história (Is 55,10-11).

O Evangelho propõe uma reflexão sobre a atitude do ser humano diante dessa Palavra (Mt 13,1-23). A parábola do semeador e da semente parece uma simples cena do campo, mas, por trás da simplicidade da imagem, oculta-se uma mensagem misteriosa a ser compreendida, como sempre ocorre com os ensinamentos de Jesus. O texto convida a ser “terra boa”, isto é, a cultivar uma disposição interior aberta à escuta e à prática da Palavra, de modo que esta produza frutos concretos na vida cotidiana.

A segunda leitura demonstra a eficácia da Palavra na vida da pessoa (Rm 8,18-23). Ela fornece os critérios e a orientação ética para

CELEBRANDO O DIA DO SENHOR

SUBSÍDIO PARA CELEBRAÇÕES DOMINICAIS DA PALAVRA DE DEUS NAS COMUNIDADES (TEMPO COMUM A, B e C)

Jésus Andrade Guimarães, José A. C. Franco, Sebastião C. de Almeida, Veronice Fernandes



Fundamentado no Documento 52 da CNBB, este subsídio oferece ritos bem desenvolvidos para as orações iniciais e finais, liturgia da Palavra, rito de louvor ou ação de graças, comunhão eucarística e bênção, auxiliando as comunidades na celebração do dia do Senhor.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

uma existência “segundo o Espírito”. É por meio dessa conformação ao Espírito que o ser humano colabora na edificação do “novo céu e da nova terra” (2Pd 3,13; Ap 21,1). Assim se efetivará a plena comunhão entre Deus, a humanidade e toda a criação.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 55,10-11)

Na primeira parte do Dêutero-Isaías (Is 40-48), o profeta apresenta a iminente libertação do cativo e proclama um “novo êxodo”, em que Deus conduzirá seu povo das terras de escravidão para a Terra da Promessa. Na segunda parte (Is 49-55), a ênfase recai sobre a restauração de Jerusalém, símbolo da presença divina e do reencontro entre Deus e Israel.

É nesse contexto que se situam os versículos propostos para a liturgia deste domingo. Após convidar o povo exilado a buscar e invocar o Senhor (Is 55,6-9), o profeta recorda a força eficaz e transformadora da Palavra divina que acaba de ser anunciada (v. 10-11).

Nesse momento histórico, a comunidade israelita se encontra desanimada. As promessas de libertação parecem demoradas demais, e a esperança começa a se esvaír diante da dureza do cotidiano. Crescem a impaciência, a dúvida e o questionamento: será que as palavras do profeta se cumprirão? Deus não estaria tardando demais em agir? Ele se esqueceu da dor do seu povo?

É precisamente diante desse clima de desânimo que o Dêutero-Isaías reafirma, com vigor e ternura, a fidelidade de Deus e o poder inquebrantável de sua Palavra, capaz de transformar a história e devolver a vida àquilo que parecia perdido.

2. II leitura (Rm 8,18-23)

Paulo inicia esse trecho da carta aos Romanos estabelecendo um contraste, fundamentado na afirmação de que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória

que há de ser revelada (v. 18). O sofrimento é visto como etapa transitória no processo de revelação da glória divina, a qual se manifestará plenamente nos redimidos. Essa perspectiva revela o caráter teleológico da história humana: o presente encontra sentido apenas à luz do futuro prometido.

Em seguida, Paulo usa uma linguagem metafórica para expressar a solidariedade cósmica entre o ser humano e o universo criado (v. 19-22). O pecado humano introduziu desordem não apenas na dimensão pessoal e social, mas também na ordem cósmica (Gn 3,17). Por isso, a criação está sujeita à finitude e à caducidade. A partir do momento em que o ser humano adere a Cristo e passa a viver “segundo o Espírito”, torna-se capaz de superar o destino de morte e as consequências do pecado.

O mundo criado e a humanidade estão vinculados no mesmo drama da queda e da redenção. O Espírito Santo é o princípio vital que sustenta essa esperança e garante a comunhão final entre Deus, o ser humano e toda a criação (v. 23). Paulo projeta, assim, uma visão relacional e integradora da salvação. Não se trata apenas da salvação individual, mas de uma restauração cósmica que abrange toda a realidade.

3. Evangelho (Mt 13,1-23)

O texto possui três momentos distintos: a parábola em si (v. 1-9), a reflexão de Jesus sobre o sentido das parábolas (v. 10-17) e, por fim, a explicação dirigida aos discípulos (v. 18-23).

Na primeira parte, Jesus fala levando em conta a vida concreta do povo. Na Palestina de então, o semeador lançava as sementes antes de arar o campo. Por isso, parte delas caía à beira do caminho, outra parte em terreno pedregoso e outra entre espinhos. É uma imagem realista, mas Jesus a transforma em uma parábola do Reino dos Céus. De todo modo, o acento da mensagem não está na fragilidade dos terrenos, e sim na força fecunda da semente. Quando ela encontra terra boa, produz frutos em

SÃO GREGÓRIO MAGNO

A autoridade que nasce do serviço.



SÃO GREGÓRIO MAGNO: REGRA PASTORAL

Uma descrição do dinamismo entre o ser e o agir do pastor. Seu modo de atuar revela sua plena e humilde consciência de falar e agir em nome de Cristo. A leitura atenta da obra faz notar que Regra não se refere tanto a normas, preceitos, mas, sim, a modo de vida.



**ADQUIRA
AGORA**



SÃO GREGÓRIO MAGNO: REGISTRO EPISTOLAR - VOL. 1

O Registro epistolar permite-nos compreender a vastidão, a complexidade e a força incisiva da ação pastoral e missionária, doutrinal e devocional, espiritual e litúrgica, político-diplomática e socioeconômica de um dos pontificados mais importantes da história (590-604).



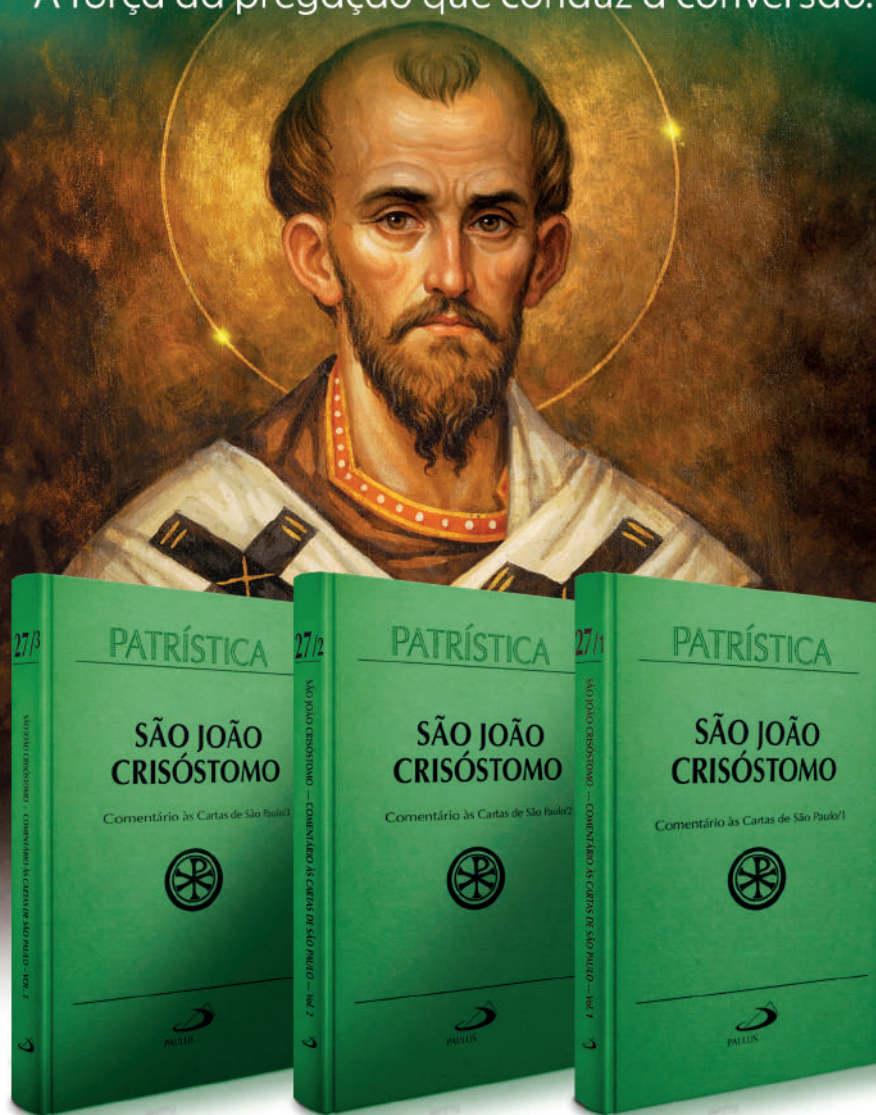
**ADQUIRA
AGORA**



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

A força da pregação que conduz à conversão.



São João Crisóstomo representa **um dos maiores intérpretes do pensamento de São Paulo para o Oriente cristão**, o que pode ser comprovado pela abundante documentação e pelas constantes citações de suas obras.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @editorapaulus



**ASSINE
AGORA**

abundância e uma colheita inimaginável para os agricultores da época.

Na segunda parte, Jesus reflete sobre o porquê de falar em parábolas. Elas são como um espelho que mostra o coração de quem escuta: quem tem o coração aberto, compreende e se deixa transformar; quem tem o coração fechado, escuta sem entender e olha sem perceber. Por isso Jesus proclama bem-aventurados os discípulos, porque seus olhos veem e seus ouvidos ouvem. Eles acolheram a Palavra e já participam do Reino que nasce no meio deles.

Por fim, a terceira parte traz a explicação da parábola. A semente é sempre boa; o semeador é o próprio Cristo; o fruto, porém, depende de como cada um acolhe a Palavra. Alguns têm o coração endurecido, como terra batida: a Palavra não consegue penetrar. Outros são superficiais: recebem com entusiasmo, mas desanimam nas dificuldades. Outros ainda são sufocados pelas preocupações e pelas riquezas, então a Palavra se perde entre tantos ruídos. Contudo, há também aqueles cujo coração é aberto, acolhedor e fiel: neles a Palavra germina, cresce e dá muito fruto.

Essa parábola é um convite à esperança e à conversão. Esperança, porque a mensagem do Evangelho está crescendo e se espalhando, mesmo quando não o percebemos; e conversão, porque somos chamados a preparar o terreno do nosso coração para acolher a Palavra com generosidade. Mesmo que muito pareça se perder, o Reino de Deus frutificará de modo surpreendente.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

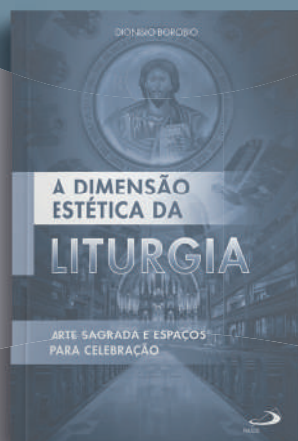
A liturgia chama a atenção para a ação transformadora da Palavra de Deus proclamada e celebrada. Essa Palavra deve gerar transformação sincera nas pessoas, conforme afirma a profecia de Isaías. Quando se crê, não se pode sair da Eucaristia da mesma forma como se chegou.

O Senhor continua a semear todos os dias, em cada celebração, em cada gesto de amor, em cada encontro com o próximo. Que não

A DIMENSÃO ESTÉTICA DA LITURGIA

ARTE SAGRADA E ESPAÇOS PARA CELEBRAÇÃO

Dionisio Borobio



O autor procura mostrar a relação que existe entre a beleza, a liturgia e os lugares de celebração. A beleza, que é Deus mesmo, manifestou-se de modo privilegiado e único em seu Filho, Jesus Cristo, e, paradoxalmente, na cruz, no mistério pascal.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

deixemos a semente cair à beira do caminho. Que removamos as pedras da indiferença e arranquemos os espinhos do egoísmo. E que nosso coração, purificado e disponível, se torne terra boa, onde a Palavra de Deus possa germinar e produzir frutos de fé, de amor e de justiça para o mundo.

Essa Palavra, sedimentada no interior humano, permanece e gera perseverança. As tribulações e adversidades não podem nos separar do amor de Deus semeado em nosso coração. Por mais que os tempos pareçam difíceis, pode-se esperar um novo tempo de experiência da glória dos filhos e filhas de Deus.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM

19 de julho

Um Deus de bondade

I. INTRODUÇÃO GERAL

O modo de agir de Deus sempre supera como o imaginamos. As leituras nos sensibilizam para essa ação misteriosa e surpreendente de Deus. Experimentando sua misericórdia em nossa vida, somos capacitados para sermos misericordiosos e refletir sua bondade em nossos gestos.

A primeira leitura (Sb 12,13.16-19) apresenta essa lógica divina, que ultrapassa os critérios humanos de retribuição. Deus se manifesta como misericórdia e indulgência, revelando um poder que se expressa prioritariamente na compaixão. Assim, desvela-se sua grandeza e se instaura um horizonte ético para o agir humano: os filhos e filhas de Deus são chamados a se conformar ao seu coração misericordioso.

No Evangelho (Mt 13,24-43), por meio de parábolas, Jesus mostra que o Reino dos Céus não constitui um espaço de perfeição elitista, reservado a um pequeno grupo de justos. Ao contrário, caracteriza-se como âmbito inclusivo de crescimento, no qual todos têm a possibilidade de maturar suas escolhas, crescer humanamente e abrir-se à ação transformadora

da graça. A pedagogia do Reino respeita os ritmos da liberdade humana, oferecendo tempo e espaço para que cada pessoa responda, de forma responsável e gradual, ao convite divino à vida segundo o Espírito.

A segunda leitura (Rm 8,26-27) assegura que o Espírito Santo vem em auxílio da fragilidade humana, sustentando-nos precisamente onde nossas capacidades se mostram limitadas. Esse mesmo Espírito revela que a bondade divina não é apenas um atributo contemplado, mas sobretudo uma realidade eficaz que opera continuamente na história e na realidade das pessoas.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 12,13.16-19)

O texto em análise integra a terceira grande seção do livro da Sabedoria (Sb 10,1-19,22). Nessa unidade literária, o autor desenvolve uma releitura teológica da história da salvação. Confrontam-se as ações punitivas dirigidas aos ímpios e as intervenções salvadoras que Deus reserva aos justos, isto é, ao povo eleito. Essa estratégia literária visa demonstrar a justiça e a misericórdia divinas na condução da história.

O autor inicia essa seção apresentando a atuação da Sabedoria divina na história de Israel (Sb 10,1-11,14), evidenciando como ela guia, protege e orienta o povo ao longo dos acontecimentos fundamentais da tradição bíblica. Em seguida, estabelece um contraponto ao descrever o modo como Deus interveio em relação aos egípcios (Sb 11,15-20) e aos ídólatras cananeus (Sb 12,3-19). O trecho da leitura se insere na última parte, na qual se enfatiza o tratamento dispensado por Deus às populações cananeias.

O autor diz que Deus exerce seu poder com absoluta justiça e misericórdia (v. 13). Diferentemente dos ídolos ou dos poderosos humanos, Deus não precisa provar sua autoridade por meio da violência ou do medo. Ele mostra que seu poder se realiza sobretudo no cuidado

pelos fracos (v. 16-18). Essa passagem realça que Deus governa todas as coisas com sabedoria, pois nada existe fora do seu domínio. Justamente por ser o único verdadeiro, julga com equidade e age sempre segundo a verdade, sem arbitrariedades.

À luz dessa compreensão, o texto mostra que o modo de Deus agir educa seu povo (v. 19). A paciência, a mansidão e a misericórdia divinas tornam-se modelo para a ação humana. Deus oferece tempo para a conversão e não destrói imediatamente o pecador. Assim, o povo aprende que a verdadeira força não está na imposição ou na dureza, mas na capacidade de perdoar e de conduzir o outro ao bem. A pedagogia divina convida o ser humano a exercitar a mesma justiça misericordiosa com a qual Deus sustenta e julga o mundo.

2. II leitura (Rm 8,26-27)

Nossa experiência de oração é marcada por uma limitação: nem sempre sabemos formular adequadamente aquilo que nos cabe pedir. Diante disso, o próprio Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza (v. 26).

O Espírito assume a tarefa de articular, diante de Deus, os anseios e necessidades que nós mesmos não conseguimos expressar de maneira adequada. Ele se associa aos “gemidos” humanos, acrescentando-lhes sua própria intercessão “inefável”, de modo que a oração alcance a Deus em profundidade e verdade.

O Espírito Santo atua como mediador eficaz e autêntico intérprete no diálogo entre o ser humano e Deus. Ele eleva a oração, purifica suas intenções e a conforma à vontade divina, dirigindo-a àquele que conhece os corações (v. 27). Dessa forma, a súplica que o Espírito inspira é acolhida por Deus.

3. Evangelho (Mt 13,24-43)

A parábola do trigo e do joio (v. 24-30) apresenta um cenário extraído da vida agrícola palestinese. O elemento inesperado da narrativa reside na decisão do proprietário, que

LAICATO: VOCAÇÃO E MISSÃO

Dom Orlando Brandes



Versão
E-Book

Baseado no método ver, julgar e agir, o livro auxilia na compreensão da identidade, da vocação, da missão e da espiritualidade dos cristãos leigos e leigas no mundo e na Igreja, à luz dos principais documentos do magistério eclesial que tratam da questão.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ordena que ambas as plantas cresçam conjuntamente até o tempo da ceifa, quando então se procederá à separação entre o que deve ser recolhido e o que será queimado.

A parábola funciona como crítica às práticas de exclusão vigentes no Judaísmo do Segundo Templo. Jesus conviveu com pecadores e pessoas moralmente marginalizadas, acolhendo-as como destinatárias da salvação e convidando-as a integrar a comunidade do Reino. Em contrapartida, grupos como os fariseus percebiam tal atitude como escandalosa e inadmissível, pois aqueles “transgressores da Lei” não poderiam pertencer ao ambiente santo de Deus. A parábola questiona essa atitude excludente, propondo a prioridade da misericórdia divina sobre qualquer forma de rigorismo segregante.

Na explicação posterior oferecida pelo próprio evangelista (v. 36-43), o foco se desloca da questão da convivência entre trigo e joio para a temática do juízo. Diante de comunidades marcadas pelo esfriamento espiritual, pelo aburguesamento e pelo laxismo, Mateus recorre aos termos da apocalíptica judaica para despertar os cristãos de sua letargia na fé. Imagens como “fogo ardente”, “choro” e “ranger de dentes” não constituem descrições literais do fim do mundo, mas dispositivos retóricos destinados a provocar conversão, renovar o compromisso com o Evangelho e reavivar a consciência de responsabilidade diante da missão cristã.

As parábolas do grão de mostarda (v. 31-32) e do fermento (v. 33) apresentam estruturas semelhantes e se concentram em destacar a desproporção entre a pequenez inicial e a amplitude do resultado. O grão de mostarda, apesar de minúsculo, produz um arbusto de proporções significativas. O fermento, embora aparentemente insignificante, transforma toda a massa. Ambas as imagens ilustram o dinamismo interno do Reino de Deus: uma origem modesta na pregação de um carpinteiro de Nazaré, que chega aos recantos do mundo e transforma a história humana.

As parábolas respondem às objeções daqueles que duvidavam da eficácia histórica da mensagem de Jesus, mostrando que o Reino possui força inerente e irreversível. Elas oferecem aos ouvintes renovada motivação, encorajando-os a assumir um compromisso mais autêntico com a ação transformadora do Reino no mundo.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

Em tempos tão acelerados e de cobrança de produtividade, as leituras nos convidam a contemplar a bondade e a paciência de Deus em sua pedagogia conosco.

A história do povo de Israel, apresentada no livro da Sabedoria, mostra como Deus age com misericórdia. As parábolas do Evangelho afirmam que a atuação divina não consiste na punição imediata, mas sim na consideração pela liberdade humana e na oferta permanente de reconciliação. Somente no tempo oportuno se manifestará o juízo definitivo, que cabe exclusivamente a Deus. Enquanto isso, o Espírito Santo vem em nosso auxílio para nos conduzir à comunhão com Deus na oração.

O processo de evangelização também exige de nós paciência e misericórdia. Os seres humanos não são máquinas, mas seres de liberdade que ora se dispõem à ação divina, ora a recusam. Por isso, o tempo da realização cabe sempre a Deus, que perscruta os corações.

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de julho

Qual é o teu tesouro?

I. INTRODUÇÃO GERAL

Somos seres movidos por desejos. Alguns bons, outros nem tanto. A liturgia deste domingo propõe uma reflexão acerca das prioridades que orientam a existência humana, bem como dos valores que estruturam nosso agir.

Salomão, rei de Israel, é apresentado como modelo de sabedoria no texto da primeira leitura (1Rs 3,5.7-12). Tal qualidade se evidencia

na capacidade de discernimento que permite identificar aquilo que é perene, evitando a valorização demasiada dos bens efêmeros e a alienação provocada por falsas seguranças.

No Evangelho (Mt 13,44-52), por meio de parábolas, Jesus exorta os discípulos a reconhecer o Reino de Deus como prioridade absoluta. Diante desse bem supremo, compreendido como o verdadeiro “tesouro”, todos os demais interesses, aspirações e posses devem ocupar um lugar secundário.

O pequeno trecho da carta aos Romanos (segunda leitura: Rm 8,28-30) retoma essa perspectiva ao convocar seus destinatários para configurarem a própria existência segundo as exigências de Jesus. Deus predestinou cada pessoa a ser conforme a imagem do Filho, Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 3,5.7-12)

Esse texto evidencia que, no contexto de Israel, a figura do rei é compreendida como instrumento de Deus. O rei serve de mediador para realizar os planos de Deus para seu povo. É por meio da pessoa régia que a ação divina se manifesta na história, orientando e governando a vida comunitária de Israel.

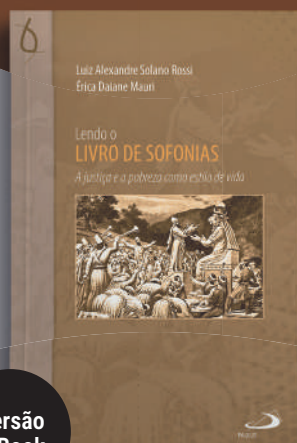
Salomão não interpretou sua função régia como privilégio destinado à satisfação de interesses pessoais, e sim como ministério recebido de Deus e destinado ao serviço do povo (v. 7-8). O monarca reconhece que a autoridade comporta responsabilidade ética e que seu exercício deve ser orientado pela sabedoria prática (v. 9), entendida como capacidade de discernimento e como busca do bem comum.

Por fim, o texto destaca a qualidade da súplica de Salomão e a resposta positiva de Deus ao seu pedido (v. 11-12). Ele não solicita riquezas, prestígio ou poder, mas sim as disposições interiores e as competências necessárias para cumprir fielmente a missão confiada por Deus. Assim, Salomão se torna, para o autor bíblico, um paradigma humano capaz de escolher

LENDO O LIVRO DE SOFONIAS

A JUSTIÇA E A POBREZA
COMO ESTILO DE VIDA

*Luiz Alexandre Solano Rossi /
Érica Daiane Mauri*



Versão
E-Book

Apesar da sua aparente irrelevância, Sofonias é certamente um profeta grandioso, que relata com precisão e audácia as ações violentas daqueles que detêm o poder político, econômico e religioso em sua sociedade e vulnerabilizam os mais fracos e pobres.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

aquilo que possui valor perene, sem se deixar seduzir por bens passageiros.

Ao afirmar que o pedido de Salomão “agradou ao Senhor” (v. 10), o texto propõe implicitamente ao povo de Israel a adoção de valores duradouros, essenciais e espiritualmente significativos, em contraste com a busca de bens transitórios.

2. II leitura (Rm 8,28-30)

A passagem de Rm 8,28-30 se insere no grande argumento paulino sobre a ação salvífica de Deus em Cristo e sobre a esperança que sustenta a vida dos fiéis. Paulo afirma, de início, que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus (v. 28). Logo, a história pessoal e comunitária das pessoas não é marcada pelo acaso, mas acompanhada pela Providência divina.

Em seguida, essa perspectiva se amplia ao afirmar que Deus “predestinou” os fiéis a serem conformados à imagem de seu Filho (v. 29). A predestinação não deve ser entendida como um determinismo rígido, e sim como o desejo amoroso de Deus, que sempre quis a humanidade configurada ao Cristo. Esse processo de transformação ocorre na vida cristã pela ação do Espírito. A pessoa vai sendo moldada segundo o modelo de Cristo, cujo modo de viver, amar e se entregar revela plenamente a vontade salvífica do Pai.

Enfim, há uma descrição em sequência do itinerário da salvação (v. 30). É uma visão unitária do agir divino (predestinar, chamar, justificar e glorificar), no qual o chamado inicial conduz à justificação, isto é, à inserção no relacionamento justo com Deus, e culmina na glorificação, que indica a participação plena na vida divina. O uso do tempo verbal no passado (“glorificou”), embora a referência seja a uma realidade futura, expressa a firmeza da promessa. Para Paulo, o que Deus iniciou na vida daqueles que creem já carrega a garantia da realização definitiva.

3. Evangelho (Mt 13,44-52)

Neste domingo, concluímos a leitura do capítulo de Mateus dedicado às parábolas. Nesse ensinamento (Mt 13,1-52), Jesus instrui a respeito do mistério do Reino dos Céus por meio de imagens do cotidiano das pessoas, provocando questões para a conversão.

Na primeira parte (v. 44-46), encontram-se duas parábolas a respeito do valor incomparável do Reino dos Céus. Ambas as imagens, de um tesouro escondido no campo e de uma pérola de grande valor, demonstram que o anúncio realizado por Jesus constitui um bem supremo diante do qual todos os demais valores devem ser relativizados. O discípulo autêntico é aquele que reconhece, na descoberta do Reino, uma experiência decisiva e transformadora, capaz de redefinir prioridades de valores e orientar toda a existência em torno da novidade de grande valor.

A segunda parte (v. 47-50) apresenta o Reino sob a metáfora de uma rede lançada ao mar, que recolhe peixes de diversas espécies. De forma semelhante à parábola do joio e do trigo, esse texto ensina que o Reino não se desenvolve como um espaço exclusivo para alguns perfeitos, mas como uma realidade onde convivem, simultaneamente, bons e maus. No tempo oportuno, Deus separará uns dos outros. Ele concede ao ser humano tempo suficiente para amadurecer escolhas e reorientar a própria vida. Essa menção ao juízo final (v. 49-50) funciona como apelo à comunidade para escolher decididamente pelo Reino.

A terceira parte (v. 51-52) apresenta breve diálogo conclusivo entre Jesus e os discípulos. O evangelista enfatiza que o verdadeiro discípulo é aquele que “compreende”, termo que, no vocabulário teológico mateano, significa acolher o ensinamento de Jesus com atenção, discernimento e compromisso. Assim, o escriba que extrai de seu tesouro coisas novas e velhas representa as pessoas de origem judaica, conhecedoras das Escrituras de Israel

(o “velho”), que agora são convidadas a reinterpretá-las à luz da novidade do Evangelho (o “novo”).

Nessa dinâmica constante entre tradição e inovação, o discípulo encontra o caminho do Reino dos Céus e, uma vez que começa a percorrê-lo, é chamado a nele perseverar com decisão, coerência e empenho.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

Sempre temos muitas opções para escolher. A escolha de algo implica perda de outras coisas. O desafio ordinário está em optar pelo que realmente é importante e desapegar-se do que é desnecessário.

A orientação da primeira leitura é pedir a Deus sabedoria, que não significa informações a respeito de algo, mas capacidade de discernimento e de ação para a vida prática. O Evangelho instiga nossa mente para refletirmos sobre o que buscamos e propõe um tesouro a ser descoberto na interioridade da oração. Quando esse bem maior é encontrado, todas as outras coisas perdem valor. Por fim, Paulo nos recorda que somos destinados para o eterno amor de Deus, e não para a fascinação do que é provisório.

Entre as muitas possibilidades que temos, o Evangelho sempre se apresenta como a melhor de todas. Por ele optaram inúmeras testemunhas ao longo da história, e ainda hoje podemos reconhecer, em nosso meio, como a experiência de fé em Cristo muda a vida das pessoas e a nossa própria.

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM

2 de agosto

Vinde ao banquete

I. INTRODUÇÃO GERAL

A celebração da Eucaristia é um banquete de Deus para nós. Não para nos fartarmos fisicamente, mas para nos alimentarmos da presença dele a fim de nos comprometermos com a partilha, a solidariedade e a compaixão.


DIACONIA DA PALAVRA

O MINISTÉRIO E A MISSÃO DO
DIÁCONO PERMANENTE

Julio Cesar Bendinelli



Uma instigante reflexão sobre o serviço do diácono permanente e o sentido específico de seu ministério da Palavra, no campo da evangelização, para a formação dos discípulos missionários de Jesus Cristo, à luz do Concílio Vaticano II e dos documentos do magistério pós-conciliar.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Na primeira leitura, Deus chama seu povo a abandonar a terra da escravidão e a caminhar em direção à terra da liberdade: uma nova Jerusalém de justiça, amor e paz. O Senhor promete saciar para sempre a fome do seu povo e conceder, de forma gratuita, a vida em plenitude e a felicidade sem fim.

No Evangelho, Jesus aparece em torno de uma refeição, ensinando aos discípulos que o verdadeiro caminho para o Reino é acolher o pão que Deus oferece e partilhá-lo com todos. Os cinco pães e os dois peixes alimentam muitas pessoas, assim como nossos gestos de solidariedade podem fazer a diferença na sociedade. Com essa compreensão, a comunidade de seguidores poderá libertar-se do egoísmo e descobrir a liberdade que nasce do amor.

A segunda leitura é um cântico de louvor ao amor de Deus, um amor inabalável que nada pode destruir e que se revelou plenamente no envio de seu Filho, para nos convidar ao banquete da vida eterna.

Dessa forma, a liturgia deste domingo nos apresenta o grande convite de Deus: sentar-nos à mesa que ele nos preparou. Nessa mesa, o Senhor oferece o alimento que sacia nossas fomes mais profundas: fome de vida, de sentido, de felicidade e de eternidade. Tudo é dom, tudo é graça. Cabe a nós acolher esse amor, deixarmos-nos nutrir por ele e, por ele transformados, tornarmos-nos também pão partilhado para a vida do mundo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 55,1-3)

Nesse pequeno trecho, o profeta dirige aos exilados um apelo para realizarem um novo êxodo, deixando a escravidão na qual se instalaram e partindo em direção a uma nova realidade. O povo sofrido encontrará alimento, bebida e o conforto de Deus.

Para expressar essa restauração ansiada, o profeta utiliza a imagem de um banquete, que representa fartura e comunhão. Este se realizará em Jerusalém, onde o povo, à mesa com Deus, encontrará trigo, vinho, leite e alimentos saborosos. O que antes era fome e penúria passa a ser abundância e harmonia restaurada por Deus.

Diante disso, o profeta conclama para a coragem e a confiança. É preciso romper com a acomodação, abrir-se ao sonho e caminhar ao encontro do dom divino. Aqueles que se dispuserem a abandonar suas seguranças para responder ao chamado de Deus participarão de uma “aliança eterna” que jamais será rompida.

Quem aceitar esse dom encontrará a água que sacia a sede de sentido e o alimento que plenifica a vida. Assim, viverá uma nova relação com Deus e fará parte, em definitivo, da comunidade dos que foram restaurados e reintegrados ao povo de Deus.

2. II leitura (Rm 8,35-39)

A segunda leitura se inicia com uma interrogação sobre quem ou o que poderia separar o ser humano do amor de Cristo. Trata-se de questão importante sobre a qual pensar ainda atualmente, a fim de reconhecer a infinitude do amor de Deus. O texto bíblico enfatiza a força desse amor e certifica que nada poderia separar o ser humano dele.

As afirmações desenvolvidas contêm a certeza fundamental de que nada pode derrotar aquele que é objeto do amor imenso e eterno de Deus. Esse amor se manifestou plenamente no gesto supremo de Cristo, que se entregou até a morte para conduzir a humanidade ao caminho da salvação e da vida em plenitude. Em Cristo, Deus revelou o amor que vence todo o mal e garante à pessoa a segurança de estar sempre amparada por sua graça.

Nos versículos finais (v. 38-39), Paulo enumera uma série de forças que, segundo

as crenças da época, poderiam ameaçar o ser humano. Essa lista não pretende descrever o mundo sobrenatural, mas apenas reforçar, de modo retórico e enfático, a convicção central do apóstolo: nenhuma realidade – nem a morte, nem os poderes cósmicos, nem qualquer criatura – é capaz de separar o cristão do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo. É esse amor indestrutível que sustenta a fé, dá sentido à existência e assegura à pessoa a vitória sobre todas as forças de destruição.

3. Evangelho (Mt 14,13-21)

No início do Evangelho deste domingo, Mateus nos mostra Jesus retirando-se para o deserto, seguido por grande multidão. Ali, movido pela compaixão, Ele acolhe a dor e a fome daquele povo e cura os enfermos (v. 13-14).

O deserto recorda aos ouvintes e leitores do Evangelho um lugar de encontro com Deus, no qual se aprende a confiar, a desapegar-se das seguranças humanas e a reconhecer que tudo é dom do amor divino. É também o lugar da consideração pelo outro, da partilha e da fraternidade, pois nele cada pessoa depende do cuidado e da solidariedade dos outros para continuar a caminhar. Assim, Jesus conduz o povo ao deserto não para isolá-lo, mas para fazê-lo redescobrir o essencial: a presença de Deus que sustenta e alimenta por meio de irmãos e irmãs.

Diante da multidão faminta, os discípulos querem despedir o povo, mas Jesus os desafia com uma palavra que ressoa até hoje: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (v. 16). Com isso, ele os chama à responsabilidade diante da fome e do sofrimento do mundo. Seguir Jesus é comprometer-se com as dores humanas, pois não há verdadeiro discipulado cristão sem solidariedade. A comunidade do Reino é aquela que escuta o grito dos necessitados e responde com gestos concretos de partilha, compaixão e cuidado fraterno.

SER DIÁCONO

Dom Edson Oriolo



Versão
E-Book

A presente obra possibilita uma visão histórico-evolutiva da presença do diaconato na vida da Igreja; contextualiza a necessidade da função diaconal na comunidade eclesial primitiva, oferece os elementos teológicos da atuação eclesial do diácono e apresenta a dimensão sacramental do diaconato.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Por fim, Jesus exerce a partilha. Ele toma os cinco pães e dois peixes, ergue os olhos ao céu, pronuncia a bênção e os reparte entre todos. Ao agradecer, reconhece que tudo vem de Deus e tudo deve voltar a Deus por meio do amor. Nenhum bem é propriedade exclusiva. Tudo é dom confiado para o serviço e o bem comum.

Assim, a bênção de Jesus transforma o pouco em abundância e o medo em generosidade. A comunidade que vive dessa lógica do dom recebido e partilhado torna-se sinal do Reino de Deus: um povo novo, liberto do egoísmo, alimentado pela gratuidade e unido no amor que sacia toda fome.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

Muitas vezes se cultiva a imagem de que Deus prefere alguns, por serem cumpridores de preceitos, e exclui outros, por não corresponderem aos cânones da religião. Contrariamente a isso, a lógica divina se apresenta como uma proposta para todas as pessoas.

As leituras deste domingo, por meio do cenário da comensalidade, demonstram que Deus acolhe a todos para a comunhão de amor e deseja que todos dela participem. A primeira leitura constitui um convite à comunhão com Deus no banquete preparado por ele. No Evangelho, Jesus realiza essa comunhão na acolhida do dom oferecido e na partilha dos pães e dos peixes para que os discípulos os distribuam. A segunda leitura declara que a comunhão com o amor de Deus não se perde por nada e que essa é nossa vitória.

Portanto, a celebração da Eucaristia não pode servir para promover exclusões pastorais e favorecer ferramentas de acusação. Ela é o sacramento de comunhão, e Deus deseja a comunhão com todas as pessoas. Nossa liturgia se torna mais eficaz quando nos comprometemos com a vivência do que celebramos, com a acolhida de todas as pessoas nesse banquete de Deus e com a partilha solidária dos dons recebidos.

Deus nos conduz

I. INTRODUÇÃO GERAL

Deus se envolve na história, acompanhando a humanidade nos seus processos históricos e existenciais. Ele não se mantém distante dos dramas humanos, mas se compromete com o caminhar do seu povo, orientando-o e iluminando-o.

O episódio da primeira leitura (1Rs 19,9a. 11-13a) sugere à comunidade celebrante um retorno às fontes da fé, propondo uma peregrinação interior e espiritual ao encontro de Deus. Elias foi movido para uma nova experiência de fé, diferente do que se conhecia. O texto ressalta que a autenticidade dessa experiência não se dá pela ocorrência de manifestações espetaculares ou teofanias grandiosas, mas, antes, verifica-se no âmbito da simplicidade, da interioridade e da humildade. Deus se encontra na simplicidade dos momentos, e não no espetáculo visual.

No texto do Evangelho (Mt 14,22-33), os discípulos são enviados para a “outra margem”. Jesus vai ao encontro deles, caminhando sobre o mar, e mostra como Deus os sustenta e capacita para enfrentarem a adversidade. Os discípulos são encorajados a perceber Jesus e a confessá-lo como “o Senhor”. Crer na presença de Deus significa sempre nos surpreendermos com suas novidades em nossa vida. É ele quem nos movimenta para seguirmos adiante.

O movimento em direção a Deus também nos direciona ao próximo. A segunda leitura complementa a dinâmica de encontro com Deus ao demonstrar a solidariedade de Paulo com seu povo (Rm 9,1-5). A tristeza do apóstolo pode ser também a nossa, ao percebermos tantas pessoas que não vivem a fé verdadeiramente e perdem o encanto pela vida que Deus gera em nós.

Acolhamos essa força dinâmica de Deus em nós, que nos põe em movimento em direção a ele e aos irmãos e irmãs. Somos incentivados pela Palavra de Deus a nos desacomodarmos e seguir para novas margens.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 19,9a.11-13a)

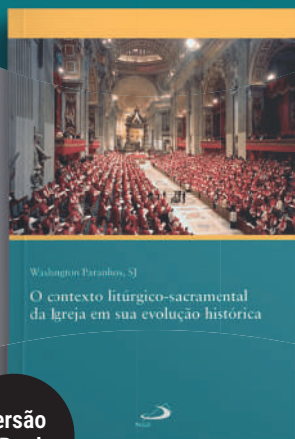
O texto apresenta evidente referência às teofanias de Deus presenciadas por Moisés (Ex 19,16-17; 33,18-23; 34,5-8). Assim como Moisés, Elias recebe uma visita divina no Sinai/Horeb. Em ambos os casos, a revelação fundamenta e renova um compromisso de aliança: Moisés torna-se mediador da Aliança proposta por Deus ao seu povo; Elias assume a tarefa de reavivar a Aliança fragilizada pela infidelidade de Israel, tornando-se instrumento de sua restauração.

Entretanto, o relato bíblico destaca uma diferença significativa entre as duas experiências. Deus se manifesta a Moisés por meio de fenômenos naturais grandiosos e aterradores (Ex 19,16-17). Por sua vez, Elias encontra Deus não nesses elementos tradicionalmente associados às manifestações divinas, mas, de modo surpreendente, na brisa suave, insistindo na dimensão discreta da ação divina. Diante dessa novidade, o profeta, apropriadamente, reage com o gesto reverente de cobrir o rosto com o manto, reconhecendo a transcendência radical do mistério divino e sua proximidade com o ser humano.

O encontro com Deus tem consequências práticas. Embora o trecho litúrgico não as apresente, a narrativa prossegue com a missão confiada a Elias (1Rs 19,15-18), evidenciando que a experiência de fé não conduz à evasão do mundo, mas ao compromisso com a história. Assim, o encontro autêntico com Deus converte-se sempre em responsabilidade profética e em ação transformadora.

O CONTEXTO LITÚRGICO-SACRAMENTAL DA IGREJA EM SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Washington Paranhos, sj



Versão E-Book

O autor dedica-se à história litúrgica, com o objetivo de oferecer um olhar panorâmico sobre uma realidade complexa, considerando não apenas a história da liturgia, mas também a dos sacramentos da iniciação cristã, desde as comunidades apostólicas até os nossos dias.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

2. II leitura (Rm 9,1-5)

Esse texto inaugura nova grande seção da carta (Rm 9-11), na qual Paulo enfrenta uma questão crucial: como compreender a situação de Israel diante do Evangelho de Cristo, sobretudo pelo fato de grande parte do povo judeu não ter acolhido Jesus como Messias?

O tom inicial é marcadamente pessoal e dramático. Paulo inicia com uma declaração solene de veracidade, que reforça sua dor e responde antecipadamente à possível suspeita de que sua mensagem relativizaria Israel. Ele afirma que desejaria ser “anátema, separado de Cristo” (v. 3), em favor de seus irmãos segundo a carne. Tal linguagem evoca figuras bíblicas como Moisés (Ex 32,32), evidenciando a profundidade de sua solidariedade com Israel e seu amor radical.

Em seguida, Paulo enumera os privilégios históricos e teológicos de Israel, reafirmando sua eleição (v. 4-5). O clímax dessa enumeração ocorre na afirmação de que Cristo procede de Israel segundo a carne, o que confere a esse povo um lugar singular no desígnio salvífico de Deus. A doxologia final pode ser lida como uma confissão cristológica implícita ou como um louvor dirigido a Deus, sublinhando a soberania divina que atravessa toda a argumentação paulina.

3. Evangelho (Mt 14,22-33)

Após despedir a multidão e ordenar aos discípulos que atravessassem o lago em direção à outra margem, Jesus se retira ao monte para orar a sós (v. 22-23). A oração antecede um momento importante, funcionando como preparação espiritual para eventos que exigem maior discernimento e coragem.

Enquanto Jesus permanece em diálogo com o Pai, os discípulos seguem sozinhos na travessia do lago. A viagem se desenvolve em condições adversas: é noite, o barco é agitado pelas ondas e enfrenta ventos contrários (v. 24). Tal

cenário gera inquietação e insegurança entre os discípulos. A narrativa descreve uma experiência comum de desorientação, vulnerabilidade e temor que caracteriza a caminhada eclesial diante das forças que ameaçam a vida e a esperança.

Nesse contexto, Jesus vai ao encontro dos discípulos caminhando sobre o mar (v. 26). No imaginário bíblico, tal gesto é um atributo divino: somente Deus caminha sobre o mar (Jó 9,8b; 38,16), domina as águas profundas (Sl 77,17.20) e apazigua tempestades (Sl 107,25-30). A cena associa Jesus à soberania divina sobre as forças do caos e da morte. A expressão com a qual Jesus responde remete à fórmula de identificação divina do Antigo Testamento (Ex 3,14; Is 43,3.10-11). A exortação à confiança e à coragem reafirma aos discípulos que a presença de Jesus neutraliza o poder destrutivo do mal e sustenta a comunidade em sua travessia histórica.

Por fim, Mateus introduz um episódio singular, ausente nos demais Evangelhos: o diálogo entre Pedro e Jesus (v. 28-33). Pedro, ao deixar o barco, inicia um movimento em direção a Jesus. Contudo, ao perceber a força do vento, deixa-se dominar pelo medo, começa a submergir e clama por salvação. Jesus o socorre, mas reprova sua pouca fé e suas hesitações. Essa cena oferece uma representação da condição dos discípulos de todos os tempos: neles coexistem coragem e fragilidade, confiança e dúvida, desejo de seguir a Cristo e medo diante das adversidades, exigindo constante purificação da fé e renovação da adesão ao Senhor.

A narrativa se conclui com a confissão de fé (v. 33). O Evangelho reflete a experiência real e universal das comunidades cristãs, feitas de discípulos que muitas vezes aderem a Jesus com determinação, mas cujas convicções vacilam diante da perseguição, do sofrimento e das diversas provações da caminhada de fé.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

As leituras propostas convergem para uma reflexão sobre a presença dinâmica de Deus, que se revela de modo discreto e exigente. Elias, em fuga e desanimado, espera encontrar Deus nos sinais grandiosos, mas o Senhor manifesta-se na voz de um silêncio sutil. A cena convida a comunidade a reconhecer que Deus continua a falar mesmo nos momentos de crise e desalento, não pela imposição, mas pela proximidade que consola e orienta.

O Evangelho apresenta os discípulos em meio à tempestade, experimentando o medo e a fragilidade da fé. A experiência de Pedro (capaz de caminhar, mas também de afundar) espelha a condição do/a discípulo/a, chamado/a a manter o olhar fixo em Cristo para não sucumbir às forças do medo. A narrativa conduz à profissão de fé final, reconhecendo Jesus como Filho de Deus.

A segunda leitura introduz o drama interior de Paulo diante do mistério da incredulidade de Israel. Sua dor profunda revela um amor pastoral que não se fecha em juízos fáceis, mas permanece solidário com a história concreta do povo. Assim, podemos compreender que uma fé amadurecida sabe conviver com as tensões, reconhecendo que a ação de Deus na história é mais ampla do que nossos esquemas e expectativas imediatas.

ASSUNÇÃO DA BEM-AVENTURADA
VIRGEM MARIA

16 de agosto

Deus realiza maravilhas

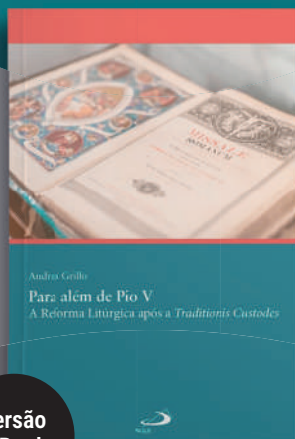
I. INTRODUÇÃO GERAL

O mistério da Assunção nos faz voltar o olhar para o alto, para o mistério de Deus, para a destinação final de todos nós. Ao mesmo tempo, olhamos para nossa realidade terrena, material e carnal, na qual

PARA ALÉM DE PIO V

A REFORMA LITÚRGICA APÓS
A *TRADITIONIS CUSTODES*

Andrea Grillo



Versão
E-Book

Com ousadia, paciência e lógica, Andrea Grillo resgata a história da Reforma Litúrgica e suas contribuições, bem como o percurso ideal e institucional que o Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II inscreveram definitivamente e irreversivelmente na história da Igreja.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Deus se manifesta. Maria foi assunta aos céus “a partir de” e “com” nossa realidade humana.

A solenidade celebra a proclamação do dogma por Pio XII em 1º de novembro de 1950. Conforme lemos no documento *Munificentissimus Deus*: “A imaculada Mãe de Deus, a sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”. O enunciado do magistério não explica “como” aconteceu esse evento, apenas comunica algo a respeito do final da vida de Maria, a mãe de Jesus, que diz respeito à destinação final humana.

Maria compartilha o desígnio do Filho, que um dia também compartilharemos. Ela participou da vida de Jesus, foi discípula fiel, parte da comunidade perseverante na oração e apóstola do mistério da ressurreição. Então, foi ressuscitada por Deus, ou seja, assumida de corpo e alma, em sua totalidade, por ele.

Assim, esperamos participar da ressurreição de Jesus como Maria já participa. Professamos essa fé e aguardamos a realização, em nosso corpo, dessa glorificação definitiva. Embora todos tenham a certeza da morte, os que creem esperam a ressurreição.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab)

A passagem da primeira leitura narra a abertura do santuário de Deus no céu e uma série de efeitos consequentes da visão da esfera celestial: relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e tempestade de granizo (11,19). Esses fenômenos naturais acompanhavam as teofanias no Antigo Testamento. O texto quer mostrar que algo divino está se manifestando.

Então, aparece nessa dimensão transcendente, o céu, um grande “sinal”. O Apocalipse usa esse termo para evocar feitos maravilhosos ou estupendos, assim como o livro do Êxodo fala dos “sinais” que Deus fez para o povo na saída do Egito. Trata-se do surgimento de uma

mulher gloriosa, com características celestiais e divinas, pois era revestida de astros, vestida com o sol, possuía a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas (12,1). Tal como na descrição de Gn 3,15-16, ela estava grávida e sofrendo com o trabalho de dar à luz o Messias (12,5).

Em contrapartida, aparece outro sinal no céu: uma hostilidade, uma adversidade, um grande dragão, avermelhado como fogo (12,3). Ele tinha sete cabeças (plenitude de poder político: Ap 17,3.7.9) e dez chifres (grande número de vassalos: Ap 17,12.16) e, sobre as cabeças, sete diademas (insígnias de realeza). Seu poder e fúria são descritos por meio dessas cabeças, chifres e diademas.

A mulher, representação da comunidade de fé, a Igreja, fugiu para o deserto, lugar valioso de refúgio dos perseguidos, em oposição à cidade, o qual recorda a ação de Deus (Ex 2,15; 1Rs 19,3-4; 1Mc 2,29-30). O autor lembra o tempo do êxodo, no qual Deus tinha alimentado o povo de Israel no deserto do Sinai (Ex 16; Sl 78): como outrora, Deus prepara novamente um lugar onde seu povo seja alimentado durante 1.260 dias (11,2).

O trecho selecionado para a liturgia se conclui com a proclamação da vitória de Deus: “agora chegou a salvação”. O acusador e perseguidor da comunidade de fé é derrotado pela chegada do Reino de Deus, do poder e da autoridade de Cristo. Assim, Maria, assunta ao céu, celebrada na solenidade deste domingo, representa essa vitória de Deus, que resgata a humanidade da morte e a faz partícipe da eternidade.

2. II leitura (1Cor 15,20-27a)

Na comunidade de Corinto, Paulo enfrentava um problema de cunho doutrinal, a saber, a negação da ressurreição. Alguns fiéis, com base em uma compreensão antropológica segundo a qual o corpo não participaria da salvação escatológica, negavam a ressurreição dos mortos e a de Cristo (1Cor 15,12).

Essa negação vinha de uma perspectiva espiritualista platônica, dualista, na qual não se aceitava uma vida “corpórea” no além-morte. O corpo ressuscitar, nesse entendimento errôneo, significava um rebaixamento da vida espiritual e uma contradição, pois os espirituais já teriam atingido a perfeição da sabedoria e no uso dos carismas. Por isso já se sentiam ressuscitados, alienando-se do momento presente e considerando que na morte não havia acréscimo de realidades novas.

O ponto de partida da argumentação de Paulo é o credo cristão primitivo (1Cor 15,3-5), segundo o qual Cristo morreu pelos nossos pecados (1Cor 15,3), foi sepultado (1Cor 15,4a), foi ressuscitado ao terceiro dia (1Cor 15,4b), apareceu a Cefas e a um grupo de discípulos (1Cor 15,5).

Então, a segunda leitura deste domingo afirma a ressurreição de Cristo como as primícias dos que morreram (v. 20). Portanto, em Cristo, todos ressuscitarão conforme seu tempo, sua ordem e seu momento (v. 22-23). A celebração da Assunção afirma a participação de Maria no mistério da ressurreição, do qual um dia também participaremos. Os dois eventos (ressurreição de Jesus e assunção de Maria) proclamam que o amor de Deus é vitorioso sobre o pecado humano, que a vida supera a morte e a comunhão vence a separação.

Para Paulo, a corporeidade humana é atendida pela ação salvífica de Deus. O Cristo crucificado e ressuscitado possui um corpo (1Cor 10,16; 11,27). A ressurreição puramente espiritual não corresponde ao sentido do batismo, pois, por ele, o cristão é inserido no corpo de Cristo, para que a morte seja superada e vencida pela força ressuscitadora do Espírito Santo.

3. Evangelho (Lc 1,39-56)

A mirada para o além, para a destinação final e para a assunção não pode nos distrair da realidade pragmática e real na qual vivemos. O Evangelho do dia apresenta

CELEBRAÇÕES E BÊNÇÃOS POR MINISTROS LEIGOS – EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

Pe. Nilo Luza, ssp



Pensando no trabalho que os cristãos leigos exercem nas comunidades, com simplicidade e praticidade, este livro pretende facilitar a vida dos ministros leigos e leigas que desenvolvem essa importante missão. Contém 25 celebrações para várias ocasiões e 30 bênçãos, as mais procuradas pelo povo.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

indicações de como Maria praticava sua fé: escuta de Deus, disponibilidade para servir e reconhecimento das maravilhas de Deus na própria vida.

Inicialmente, a passagem apresenta Maria “levantando-se e indo apressadamente”, desde Nazaré da Galileia até as montanhas da Judeia, para chegar à casa de sua prima Isabel. A novidade anunciada pelo anjo (Lc 1,26-38) não a acomoda, mas põe a “serva do Senhor” em movimento para servir a quem precisa. Ela visita porque foi visitada por Deus! Isabel, representante da esperança do povo de Israel, estava grávida do precursor do Messias. O encontro entre as duas mulheres e entre as duas crianças repercute fisicamente no ventre e nas emoções de ambas as mães (v. 39-45). A esperança se encontra com a realização da promessa.

Na sequência, Maria canta, enaltecendo o Senhor, que fez maravilhas por ela e por seu povo (v. 46-55). O *Magnificat* é uma proclamação forte, aguerrida e revolucionária da ação divina na história humana. Demonstra a predileção de Deus pelos humildes e pobres e o desejo de estabelecimento de um mundo de relações mais iguais e justas. Cantando, Maria resume os feitos de Deus na história do povo de Israel e prolonga seu “sim” comprometido com o projeto salvífico de Deus.

Por fim, a imagem da mulher grávida, capaz de dar à luz a novidade de Deus para o mundo, une-se à imagem da mulher assunta e acolhida por Deus. A espera inicial do “novo” se liga ao destino dado pelo Senhor como dom aos que creem. Maria, mulher de fé, precedeu-nos!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Relendo o dogma da Assunção de Maria e pensando em suas repercussões, podemos compreender que não somos uma alma aprisionada em um corpo. O corpo não constitui um empecilho para nossa plena realização como seres humanos, destinados à comunhão com Deus. Ao contrário, na ressurreição, nossa

corporeidade é resgatada e transfigurada no absoluto mistério de Deus.

Assim, Maria, glorificada no céu em corpo e alma, é a imagem e o começo da Igreja e da humanidade do futuro, um sinal escatológico de esperança e consolo para o povo de Deus que caminha para a pátria definitiva. As pessoas que vivem a consagração específica em um carisma explicitam esse sinal escatológico. Vivem já no além as realidades do além, como ensina o dogma da Assunção de Maria.

21º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de agosto

Escolha divina e disposição humana

I. INTRODUÇÃO GERAL

Escutamos popularmente que “Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos”. Essa máxima encontra fundamento nas leituras da celebração deste domingo.

No texto da primeira leitura (Is 22,19-23), o próprio Deus depõe Sobna e estabelece Eliacim, conferindo-lhe autoridade, simbolizada pela “chave da casa de Davi”. O texto sublinha que toda forma de poder legítimo não nasce da ambição humana, mas do chamado e da iniciativa divina, que eleva e destitui segundo seus critérios de justiça e fidelidade ao povo.

Essa mesma lógica é aprofundada em Rm 11,33-36, passagem na qual Paulo irrompe num hino de louvor à sabedoria e aos desígnios insondáveis de Deus. Após refletir sobre o mistério da eleição e da salvação, o apóstolo reconhece que os caminhos de Deus ultrapassam a compreensão humana e que tudo provém dele, por ele existe e para ele converge. A leitura relativiza qualquer pretensão humana de domínio ou de mérito absoluto, estabelecendo Deus como origem, sustentação e fim de toda a realidade.

O Evangelho de Mt 16,13-20 mostra que essa iniciativa divina se manifesta na confissão

de fé da identidade de Jesus e na constituição de Pedro como referência visível da comunidade. O reconhecimento de fé feito por Pedro não é fruto de uma percepção meramente humana, mas resultado da revelação do Pai. Por conseguinte, a autoridade confiada a Pedro, representada pelas “chaves do Reino dos Céus”, ratifica a ideia de que a missão e a autoridade na comunidade são dons concedidos por Deus para o serviço e a edificação do seu povo.

As leituras evidenciam que Deus age na história escolhendo mediadores humanos, mas permanece sempre como o verdadeiro protagonista. A autoridade, a fé e a missão das pessoas não se baseiam nas próprias capacidades, mas na gratuidade divina, que elege essas pessoas e conduz seus escolhidos para a realização de seu plano de amor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 22,19-23)

O oráculo de Isaías se dirige a Sobna, apresentado como administrador do palácio, a quem é anunciada a destituição do cargo e a consequente substituição por Eliacim (v. 19-20). Essa ação divina representa a reprovação de Deus do mal exercício da função pública, que estava centrada na autopromoção e não no bem comum.

O novo administrador eleito será revestido, cingido e instituído para as funções junto ao povo. Sua caracterização de pai para os habitantes de Jerusalém e para a casa de Judá (v. 21) indica um exercício da autoridade marcado pela solicitude, pelo cuidado e pela justiça. Do mesmo modo, a imagem da estaca firme (v. 23) sugere estabilidade e segurança, revelando a esperança do profeta de que Eliacim desempenharia suas funções com solidez e responsabilidade.

Entre as atribuições, ele receberá o chamado “poder das chaves”. No contexto da corte real, o mordomo era o guardião das chaves do palácio, responsável pela administração dos bens do soberano, pelo controle da abertura e do fechamento das portas e pela determinação

FORMAÇÃO INTEGRAL

POR UMA CULTURA DO CUIDADO

Ronaldo Zacharias (org.)



Versão E-Book

O cuidado para com os cuidadores feridos é um desafio urgente. Com delicadeza, respeito e firmeza, os autores desta obra apontam elementos que podem ajudar no processo de amadurecimento dos vocacionados e no processo de cura e libertação daquilo que contradiz o que os ministros consagrados são chamados a ser na Igreja e no mundo.



ADQUIRA JÁ

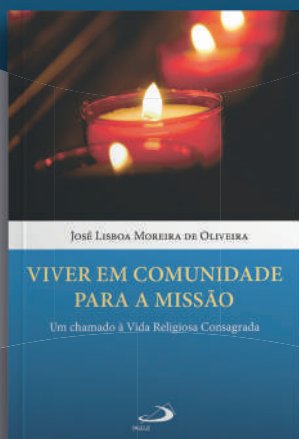
Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

VIVER EM COMUNIDADE PARA A MISSÃO

UM CHAMADO À VIDA
RELIGIOSA CONSAGRADA

José Lisboa Moreira de Oliveira



Este livro pretende aprofundar o tema da vida fraterna em comunidade, alertando para o risco do comunitarismo, analisar o sentido e o significado de uma comunidade para a missão e refletir sobre a vocação apostólica das comunidades de vida consagrada.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

de quem poderia ter acesso à presença do rei. O poder das chaves designa uma autoridade delegada, exercida em nome de outrem e orientada para a boa ordem da comunidade.

Isaías mostra que o verdadeiro serviço das chaves não consiste em privilégios ou benefícios pessoais, mas no exercício responsável da autoridade como serviço ao povo. Eliacim deverá ser como um pai para aqueles que estão sob sua responsabilidade e buscar, com solicitude, amor e justiça, o bem de todos.

2. II leitura (Rm 11,33-36)

Após refletir longamente sobre o desígnio salvífico de Deus e procurar discernir o lugar de Israel nesse projeto (Rm 11,1-32), Paulo apresenta uma irrupção contemplativa, marcada pelo assombro diante da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus (v. 33). Essas três prerrogativas divinas constituem o fundamento das exclamações e interrogações retóricas que estruturam o restante do hino (v. 34-36), conferindo-lhe um caráter doxológico que difere do estilo argumentativo precedente.

Paulo reconhece que os desígnios divinos permanecem envoltos em mistério e excedem radicalmente as capacidades humanas de compreensão e de explicação (v. 34-35). Deus se apresenta sempre além de qualquer concepção humana. Diante dessa transcendência, o ser humano reconhece a própria pequenez, os próprios limites e finitude. Ainda assim, a pessoa é convidada a confiar, acolhendo com humildade a Palavra de Deus e procurando seguir seus caminhos com simplicidade e amor.

Desse modo, aquele que crê se caracteriza pela entrega confiante à vontade de Deus. O espanto diante do mistério, aliado ao reconhecimento da soberania divina, transforma-se então em atitude de adoração e louvor, culminando na doxologia (v. 36).

3. Evangelho (Mt 16,13-20)

O episódio do Evangelho versa sobre a fé dos discípulos em Jesus. Contudo, Simão se torna

o porta-voz do grupo para confessar a fé. Por conseguinte, Jesus o designa para uma missão, demonstrando-lhe sua nova identidade.

A questão proposta em Mt 16,13-19 é fundamental para a compreensão da identidade de Jesus. Os discípulos caminhavam com ele e ainda não sabiam tão bem quem ele era nem tinham certeza da sua missão como Messias. Entusiasmados, eles o seguiam.

O destino final da viagem é Jerusalém (onde se dará a crucificação e a ressurreição), mas no caminho, passando pela região de Cesareia de Filipe, Jesus interpela os discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” (v. 13). A questão era acerca da percepção que os outros tinham de Jesus, qual ideia sobre ele circulava entre as pessoas, o que achavam de tudo que era feito e dito. Os discípulos respondem: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Jeremias ou um dos profetas” (v. 14). A multidão percebia que Jesus falava em nome de Deus, como um profeta, como alguém da parte de Deus, mas não reconhecia sua identidade mais profunda.

Então, o questionamento se transfere diretamente aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (v. 15). Os discípulos já tinham uma caminhada com Jesus, conheciam-no mais do que a multidão e podiam afirmar algo mais do que aquelas pessoas empolgadas, por isso, Simão Pedro, como porta-voz dos outros, diz: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (v. 16). Eles reconhecem em Jesus o esperado pelo povo de Israel, um revolucionário, alguém que fosse libertar os judeus da dominação romana.

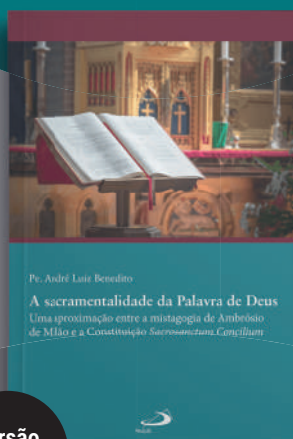
A resposta acertada causa admiração em Jesus. Pedro é bem-aventurado por reconhecer algo tão valioso para o novo seguimento no qual o grupo se empenhava. No entanto, esse entendimento tem origem em Deus, não é esforço da inteligência humana, não foram a carne e o sangue que revelaram isso a Pedro (v. 17).

Por conseguinte, Jesus dá uma nova identidade àquele companheiro. Ele é designado como pedra, como rocha, representando o

A SACRAMENTALIDADE DA PALAVRA DE DEUS

UMA APROXIMAÇÃO ENTRE
A MISTAGOGIA DE AMBRÓSIO
DE MILÃO E A CONSTITUIÇÃO
SACROSANCTUM CONCILIUM

Pe. André Luiz Benedito



Versão
E-Book

O livro deseja fazer uma aproximação entre a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II e as catequeses mistagógicas de Santo Ambrósio de Milão, naquilo que se refere à sacramentalidade da Palavra de Deus, experimentada no mistério da *ecclesia orans*, a saber, no âmbito da Igreja que celebra e testemunha o seu Senhor.



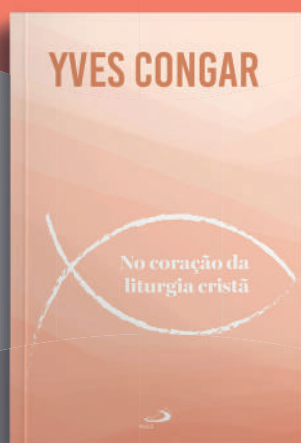
**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

NO CORAÇÃO DA LITURGIA CRISTÃ

Yves Congar



No coração da liturgia cristã, publicado originalmente em 1960, é um conjunto de cinco ensaios escritos por Yves Congar, que foi, ao mesmo tempo, um fervoroso defensor da Tradição e um teólogo sensível à necessidade de renovação da instituição.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

compromisso de manter-se firme e confirmar os outros do grupo na fé professada.

Para isso, Pedro recebe as chaves (Is 22,22) do Reino dos Céus e o poder de ligar e desligar as coisas dos céus e da terra (v. 19). A descrição quer explicitar a missão da Igreja de refletir o mistério do Reino anunciado por Cristo. O que for de acordo com o que está no céu deve ser também na terra e vice-versa. O trecho se conclui com a recomendação de que não se dissesse que Jesus era o Cristo.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

Essas leituras destacam a iniciativa de Deus, que conduz a história e confia missões segundo seu desígnio. Em Isaías, é Ele quem concede e retira a autoridade, simbolizada pela chave da casa de Davi. Em Romanos, Paulo reconhece a profundidade e a incompreensibilidade dos planos de Deus, de quem tudo procede e para quem tudo converge. Em Mateus, a confissão de fé feita por Pedro e a autoridade que lhe é confiada revelam que a fé e a missão na Igreja não nascem da iniciativa humana, mas da revelação e da graça de Deus, postas a serviço do seu povo. No nosso tempo, como Deus continua a escolher e a capacitar as pessoas?

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM

30 de agosto

O exigente seguimento de Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

A abundância de pessoas nas assembleias ou a quantidade de seguidores nas mídias sociais não significam real compromisso com o seguimento de Jesus. Esta liturgia mostra que a proposta de Jesus é exigente e não pode ser acolhida por mero entusiasmo frenético.

Na primeira leitura (Jr 20,7-9), o profeta Jeremias testemunha sua experiência pessoal com a Palavra de Deus. Ele se diz seduzido pelo Senhor, a quem entrega integralmente sua vida,

pondo-a a serviço da missão profética. Essa fidelidade acarreta-lhe sofrimento, isolamento e perseguição, revelando que a adesão coerente à vontade de Deus implica, muitas vezes, a aceitação do conflito e da dor. A experiência de Jeremias torna-se, desse modo, paradigmática para todos aqueles que acolhem a Palavra de Deus e procuram viver de acordo com seus valores.

Paulo exorta os cristãos a se oferecerem como culto agradável a Deus (Rm 12,1-2). O apóstolo afirma que esse é o sacrifício que verdadeiramente corresponde à vontade divina: não um rito exterior, mas uma vida transformada. Tal oferta se concretiza na recusa de se conformar com a mentalidade deste mundo, na capacidade de discernir a vontade de Deus e na disposição de orientar a própria vida segundo esse discernimento.

O Evangelho retoma e aprofunda essa perspectiva, ao apresentar Jesus advertindo os discípulos de que o caminho da vida não passa pelos êxitos ou triunfos humanos, mas pelo amor que se exprime no dom de si, até as últimas consequências (Mt 16,21-27). Seguir Jesus implica assumir o mesmo itinerário de entrega, fazendo da cruz não um obstáculo, mas o lugar onde se revela o sentido para a vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 20,7-9)

O texto apresenta uma oração de Jeremias. Ela parece perturbadora, pois se situa em um contexto de crise pessoal, marcado pela desilusão e pelo desânimo, possivelmente relacionado com o episódio da prisão do profeta pelos ministros do rei Sedecias e do seu lançamento numa cisterna, onde se afundava no lodo (Jr 38,4-6). Essa súplica assume uma forma de denúncia e de acusação dirigida a Deus, revelando o drama interior diante do sofrimento que resulta da fidelidade à vocação.

A acusação do profeta se estrutura por meio da forte metáfora da “sedução”. Jeremias descreve sua relação com o Senhor em termos de uma iniciativa divina irresistível, na qual Deus

O DIACONATO PERMANENTE

PERSPECTIVAS
TEOLÓGICO-PASTORAIS

Valter Maurício Goedert



O diaconato permanente é um dom de Deus à sua Igreja. O diácono, por vocação especial, como sacramento de Jesus Cristo-Servidor, é o primeiro, na Igreja, a fazer-se um com Cristo. Busca viver e transmitir a toda a Igreja a alegria de servir. Na vivência diária da disponibilidade, testemunha à comunidade cristã e a toda a família humana as palavras de Jesus.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

CELEBRAR O DIA DO SENHOR – VOL. II

Johan Konings / Francisco Taborda



Versão E-Book

A obra de Francisco Taborda e J. Konings contém orientações para o aprofundamento das leituras bíblicas da liturgia dominical e festiva no Ano A do ciclo trienal, com o intuito de ajudar na preparação da celebração e da homilia, bem como dos eventuais comentários que integram a celebração.



ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

se insinua na sua vida, o pressiona e o domina. O verbo hebraico *pth*, utilizado no texto (v. 7), evoca o campo semântico da sedução amorosa, até com conotações de vulnerabilidade e engano, e é empregado em outros contextos bíblicos para designar a sedução de uma jovem (Ex 22,15). Do mesmo modo, o verbo *ykl*, que caracteriza a ação de Deus sobre o profeta, exprime a ideia de prevalecer, exercer poder ou dominar.

Contudo, o profeta sente-se abandonado por aquele que o seduziu e constrangeu à missão, ficando exposto à hostilidade, ao ridículo e à perseguição dos adversários (v. 8). Daí nasce sua desilusão, que se traduz na decisão de silenciar a Palavra e romper com a missão (v. 9). Não obstante, a Palavra de Deus permanece viva e atuante no interior do profeta, comparável a um fogo ardente que consome seu coração e o impede de renunciar à vocação recebida.

2. II leitura (Rm 12,1-2)

Paulo exorta os romanos a se oferecerem a si mesmos a Deus. O “corpo” representa o ser humano enquanto sujeito de relações, chamado a viver em comunhão com Deus, com os outros e com o mundo. Assim, o cristão é aquele que se entrega inteiramente a Deus e orienta todos os momentos da sua existência para ele.

Essa entrega assume a forma de um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Tais qualificativos se inserem em uma tradição bíblica que distingue o culto meramente formal e exterior do culto autêntico, que brota do interior do ser humano e envolve a totalidade da sua vida (Am 5,21-25; Os 6,6; Jo 4,23-24). Portanto, o verdadeiro culto consiste, para Paulo, na oferta integral da própria vida a Deus, em resposta à misericórdia recebida e à salvação concedida.

Assim, oferecer inteiramente a própria vida a Deus implica, em primeiro lugar, não se conformar com “este mundo”, isto é, manter uma atitude crítica diante das estruturas, dos esquemas mentais e dos valores que sustentam uma realidade marcada pelo egoísmo e pelo pecado. Em segundo lugar, exige uma transformação

interior profunda, que envolve o coração, a mentalidade e a inteligência, tornando o fiel capaz de discernir a vontade de Deus e de orientar sua vida de acordo com ela.

O “culto espiritual” de que Paulo fala implica a relação com Deus, com os outros e com o mundo. O cristão é chamado a renunciar aos caminhos do orgulho, da autossuficiência, da injustiça e do pecado, e a empenhar-se no conhecimento dos desígnios divinos, acolhendoo interiormente e vivendo de forma coerente com as exigências do Evangelho.

3. Evangelho (Mt 16,21-27)

Nesse texto do Evangelho, Jesus explicita que o caminho messiânico passa necessariamente pelo sofrimento, pela cruz e pela morte, e estende essa exigência aos discípulos.

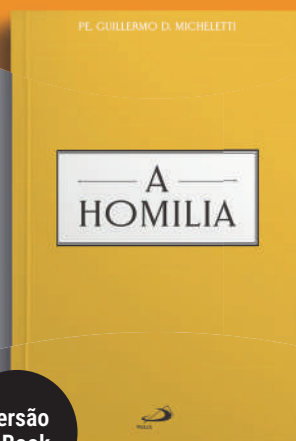
A afirmação de Jesus resulta de sua sensibilidade aos eventos históricos: as autoridades judaicas têm a intenção de eliminar fisicamente aquele que ameaça as estruturas religiosas e sociais vigentes. Consciente desse desfecho, Jesus não abdica da missão recebida, mas reafirma sua decisão de levar o projeto de amor do Pai até as últimas consequências.

Entretanto, Pedro reage de forma veemente a essa perspectiva e opõe-se à possibilidade de Jesus sofrer o destino da cruz (v. 22). Como porta-voz da comunidade dos discípulos, sua reação revela uma compreensão ainda incompleta e inadequada do mistério de Deus na vida de Jesus. Seu entendimento estava marcado pela lógica comum daquele tempo, segundo a qual o Messias deveria cumprir sua missão de forma gloriosa, com êxito e vitória.

A resposta severa de Jesus a Pedro visa corrigir essa visão distorcida e reconduzir os discípulos à compreensão autêntica do desígnio divino (v. 23). A salvação não se realiza por meio de triunfos humanos nem de esquemas de poder e dominação, mas pelo amor levado até as últimas consequências, cuja expressão mais extrema é a cruz. Pedro reproduz as tentações enfrentadas por Jesus no início do seu ministério (Mt 4,3-10).

A HOMILIA

Pe. Guillermo D. Micheletti



Versão
E-Book

Neste livro, o autor propõe sugestões e motivações a quem deseja se tornar um “homiliasta”, a fim de que se ofereça “o pão do amor” às pessoas que acreditam ou desejam acreditar. Segundo a obra, o anúncio da Palavra atualizada na homilia é um desafio.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Em seguida, Jesus instrui acerca das exigências do discipulado. Segui-lo implica renunciar a si mesmo, tomar a própria cruz e acompanhá-lo no seu caminho de amor, entrega e dom da vida (v. 24). A renúncia a si mesmo não significa negação da própria identidade, mas a superação do egoísmo e da autossuficiência, de modo que a vida se torne um dom oferecido a Deus e aos outros. Um discípulo não pode permanecer centrado nos seus interesses pessoais, mas é chamado a uma existência aberta, marcada pela gratuidade e pela solidariedade.

Por fim, Jesus apresenta três motivações fundamentais para que os discípulos acolham o caminho da cruz (v. 25-27). Em primeiro lugar, afirma que quem perde a vida por amor a encontra, pois a verdadeira vida é aquela que se recebe de Deus como dom eterno. Em segundo lugar, recorda que a vida presente não é definitiva e, por isso, não deve ser preservada a qualquer custo, mas orientada para a conquista da vida plena, a qual se constrói no amor e na entrega. Por fim, evoca o horizonte do juízo final, no qual cada um será recompensado segundo as próprias opções de vida.

III. PISTAS PARA A REFLEXÃO

As leituras afirmam que a fidelidade a Deus supõe a coragem de assumir um caminho contracultural, marcado pela entrega e pela transformação interior. Seja na missão profética de Jeremias, na exortação ética de Paulo ou no discipulado proposto por Jesus, a experiência de fé apresenta-se como resposta total ao chamado de Deus, que passa pela cruz, mas conduz à verdadeira vida.

Esses textos nos motivam a viver a fé com autenticidade e coragem em um contexto frequentemente marcado pelo individualismo e pela busca de reconhecimento. A Palavra de Deus continua a arder no coração e a impulsionar o testemunho. Assumir a cruz hoje envolve seguir o caminho de Jesus, que consiste na doação amorosa de si a Deus e à humanidade.

JESUS, HEBREU POR PARTE DE MÃE

O CRISTO DE MATEUS

Alberto Maggi



Versão E-Book

O livro apresenta aos leitores um estudo sobre a figura e os principais ensinamentos de Jesus, conforme a leitura dos textos bíblicos de São Mateus, o Evangelho que, mais do que todos os outros, transmite a mentalidade judaica, visto que foi redigido por um escriba para uma comunidade de judeus que reconheceu em Jesus o Messias esperado.



**ADQUIRA
JÁ**

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

AS DORES INVISÍVEIS EXIGEM ESCUTA E CUIDADO.

Um panorama urgente e responsável sobre
a saúde física e mental dos padres.



Esta obra aborda temas
fundamentais, como:

- transtorno pedófilo,
- identidade
afetivo-sexual,
- homossexualidade,
- estresse,
- suicídio.



loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @ @ @ @editorapaulus

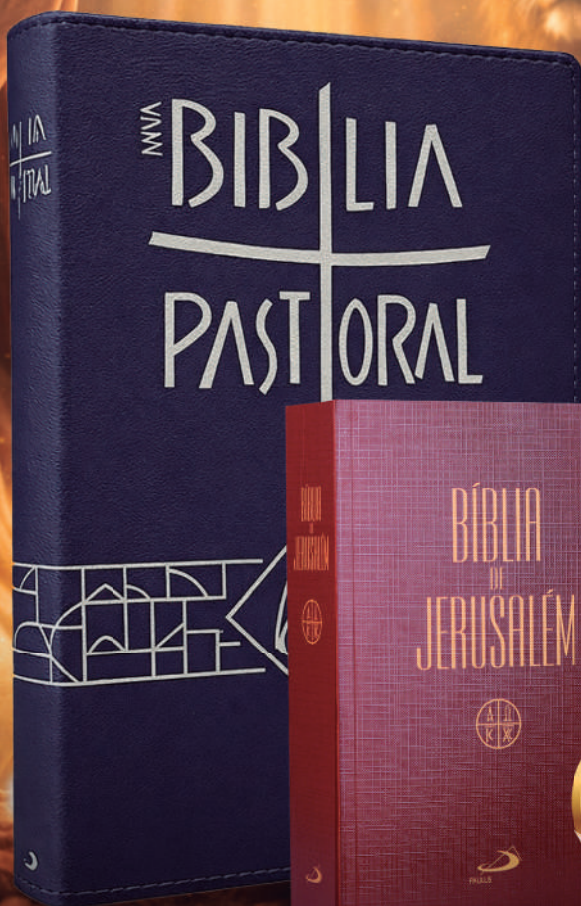
PAULUS: HÁ 95 ANOS A SERVIÇO
DA PALAVRA DE DEUS NO BRASIL.

SEU REINO JAMAIS SERÁ DESTRUÍDO

(Dn 7,14)

MÊS DA BÍBLIA

➤ 2026 ➤



30%

de desconto em todas
as Bíblias! *

De 01/08 a 30/09

*Limitado a 5 unidades por compra.

ADQUIRA A SUA AGORA!



**Versão
Bolso**

LANÇAMENTO


PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
f @editorapaulus